

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



“O PAPÁ FOI PARA A GUERRA, E AGORA?”
O IMPACTO DAS MISSÕES INTERNACIONAIS NA
PARENTALIDADE EM FAMÍLIAS MILITARES: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO

Telma Alexandra Barão Moreira Marques

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



“O PAPÁ FOI PARA A GUERRA, E AGORA?”
O IMPACTO DAS MISSÕES INTERNACIONAIS NA
PARENTALIDADE EM FAMÍLIAS MILITARES: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO

Telma Alexandra Barão Moreira Marques

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rita Francisco

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

“Porque se o ser humano diz que não é possível, aonde é que eu vou buscar a força senão ao espírito?
E o espírito que é? O espírito entra na zona daquilo que é intocável, que não é visível (...) E eu penso
que a força vem do não visível (...) Mas com ideias concretas, com nomes concretos e depois com
gestos concretos. Não é de paragem.”

Professor Pina Prata

AGRADECIMENTOS

Para que uma ideia se concretize, basta que alguém acredite nela. Tudo o resto vem depois, mas primeiro é preciso ter força e acreditar que é possível. A minha “força” para acreditar neste projeto, neste trabalho, nesta investigação veio de sítios impensáveis e, tal com o Professor Pina Prata refere, “vem do não visível”. No entanto, eu “vejo” relações que ganham forma no “não visível” e que, de algum modo, têm esta “força” que hoje me reconheço. Talvez por isso, encontre em cada página desta dissertação um bocadinho de cada um que cruzou o meu caminho. Talvez por isso, encontre em cada orgulho e vitória a “força” misteriosa que me impulsionou. Para mim, não faria sentido terminar esta etapa sem demonstrar o meu profundo agradecimento por todas as relações que transparentemente me mostraram que “o essencial é invisível para os olhos”.

À minha orientadora, Professora Doutora Rita Francisco. Pela sabedoria partilhada, pela disponibilidade para me orientar nesta caminhada longa, pelo rigor e exigência com que sempre me desafiou...E porque ao trilharmos novos caminhos damos sempre (vários) passos para trás, antes de seguir corajosamente em frente, obrigada pelo sorriso esperançoso, pelo carinho em cada supervisão, pela confiança transmitida em cada palavra e pelo suporte constante e fundamental.

Ao Major Renato Santos, pelo apoio nas várias fases deste processo e pela indispensável ajuda nos contactos com as famílias. Não seria possível de outra forma.

À Professora Doutora Helena Carreiras, pela simpatia com que me recebeu e pelo saber gentilmente partilhado.

A todas as famílias, e em especial às esposas dos militares, que prontamente aceitaram a proposta de partilhar connosco as suas vivências. À Escola das Armas por nos ter permitido “entrar” e concretizar este trabalho.

À Andreia Bóia, por ser a outra “metade” deste projeto. Pelas inseguranças tranquilizadas em longas conversas, pelas conquistas e pela ajuda mútua.

Às “Amigas de Faculdade” por terem estado presentes durante estes cinco anos, por descobrirem comigo as maravilhas do mundo da Psicologia, por serem genuinamente curiosas tal como eu. Por sermos todas diferentes e, mesmo assim, “encaixarmos” na perfeição!

A todas as “meninas” que dividiram angústias e contagiaram sorrisos na fase mais exigente deste caminho. Em particular à Tânia Soares, à Joana Serpa, à Marta Valadas, à Joana

Florêncio, à Teresa Barradas, à Mariana Fernandes, à Joana Teixeira e à Catarina Luz, por serem compreensão sincera. Para todas: *Já está!*

Aos amigos, por serem a família que eu escolhi. Obrigada por perdoarem as ausências, por reconhecerem preocupação e tristeza, por fazerem o melhor que podem com tudo o que têm, pelos laços inquebráveis que juntos construímos.

Em particular à Cátia Silva...Um exemplo inspirador de coragem, empenho e inteligência. Por escutar com atenção e amor, por conseguir sentir momentos desesperantes, por ter sempre a palavra certa e experiente de quem reconhece os desafios. Por comemorar as minhas vitórias como se fossem suas também.

À Tânia Soares, por ter estado e vivido todas as etapas, por ter partilhado alegrias e tristezas, por ter sido um suporte só com a sua presença. Por perceber quando é preciso um incentivo. Por também ter conseguido superar este desafio, com muito mérito!

À família. A todos e a cada um em particular, por todos os dias iluminarem o meu caminho e serem “base segura”. À minha tia, por ser especial, por ter um coração do tamanho do mundo, por me defender sempre, por nunca desistir de mim. Ao Zé, pela descontração contagiante, pela preocupação constante e por ter surgido nas nossas vidas. Aos Avós, que perdoam ausências, que amam incondicionalmente, que deixam transparecer o orgulho pelos netos em cada olhar. A todos, por serem amor sincero.

Ao André, por existir ao meu lado. Por ser o “Tu” que dá sentido ao “Nós”. Por respeitar cada decisão com amor, por acreditar que sou capaz, por ser o alívio em dias sufocantes. Por querer sempre o meu bem.

Aos pais, por serem tudo, por estarem sempre, por serem porto seguro e amor sem porquês. À minha mãe, meu suporte em todas as condições. Por conhecer cada traço meu, por antecipar cada obstáculo, por lutar ao meu lado. Por ser Mãe com todo o seu coração. Ao meu pai, a minha grande referência. Por ser exemplo de coragem, força e dedicação, por ser tão diferente e tão parecido comigo ao mesmo tempo. Por ser Pai com todo o seu coração. Ao meu irmão, por ser amor rebelde, por ser um laço invisível com a força de mil correntes, por ser mais importante do que possa imaginar. Por ser o irmão de quem me orgulho...sempre!

Porque o *todo* será sempre maior que a soma das *partes*...

...O meu Agradecimento vai para o *todo* que tornou esta Dissertação possível.

RESUMO

As famílias militares lidam com exigências específicas associadas ao contexto profissional militar, tais como a separação do militar da restante família, por participação em missão internacional. Esta experiência pode ter diferentes impactos, em função dos aspetos particulares da missão, como duração e localização geográfica, mas também em função do sistema de vinculação familiar e dos recursos disponíveis. O presente estudo exploratório, qualitativo, pretende expandir o campo de investigação sobre o impacto da participação nestas missões especificamente na parentalidade. Como principais objetivos tem: explorar perceções de possíveis alterações ao nível dos aspetos funcionais e relacionais da parentalidade, resultantes da participação da figura parental masculina em missões internacionais, explorar o impacto do deslocamento desta figura na relação mãe-filhos e identificar possíveis recursos utilizados, antes, durante e após o deslocamento, para diminuir o impacto da ausência da figura parental masculina na relação pais-filhos. A amostra é constituída por um recorte do universo de mães de famílias militares portuguesas, contando com nove participantes. Recorreu-se à entrevista semiestruturada para recolha de dados, procedendo-se à análise temática dos mesmos, através de um processo abdução e com recurso ao software QSR Nvivo10. As principais alterações ao funcionamento familiar surgem associadas à fase do deslocamento, refletindo-se na gestão de responsabilidades, na relação mãe-filhos e no envolvimento do pai militar. Do mesmo modo, os principais recursos utilizados são o suporte social e os meios de comunicação, sobretudo durante a ausência física do militar. Por fim, são consideradas limitações desta investigação e apontadas implicações para investigação futura e para a intervenção com estas famílias.

Palavras-Chave: Missão Internacional, Parentalidade, Crianças, Desafios, Recursos.

ABSTRACT

Military families cope with specific challenges associated with professional military context, such as the separation of the military member from the rest of the family, because of participation in international missions. This experience may have different impacts, depending on the particular aspects of the mission, such as duration and geographical location, but also due to a system of family attachment and available resources. This exploratory, qualitative study aims to expand the field of research on the impact of participation in such missions, specifically on parenting. The main objectives are: exploring perceptions of possible changes at the level of functional and relational aspects of parenting, resulting from the participation of the male parental figure in international missions, explore the impact of deployment of this figure in the mother-child relationship and identify possible resources used before, during, and after deployment, to reduce the impact of the absence of the male parental figure in the parent-child relationship. The sample consists of a clipping of the universe of Portuguese mothers of military families, with nine participants. Resorted to semi-structured interviews for data collection, proceeding to thematic analysis, through an abduction process and using QSR NVivo10 software. The main changes in family functioning appear related to the deployment phase, reflecting on the management of responsibilities, the parent-child relationship and the involvement of the military father. Similarly, the main resources used are social support and communication means, especially during the physical absence of the military. Limitations of this research and some implications for future research and intervention with these families are considered.

Keyword: International Mission, Parenting, Children, Challenges, Resources.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
As Famílias Militares e os Princípios Sistémicos e Ecológicos	3
A Parentalidade no Contexto das Relações Familiares	4
Separação da Figura Parental Militar	5
O Papel das Relações de Vinculação	6
Gestão da Coparentalidade	8
A Resiliência e as Famílias Militares	9
Recursos	10
Suporte Social Percebido	10
Meios de Comunicação.....	11
Missões Internacionais: Ciclo do Deslocamento.....	12
Portugal e as Famílias Militares	16
II. METODOLOGIA	18
Enquadramento Metodológico	18
Desenho da Investigação	19
Questão Inicial	19
Mapa Conceptual	19
Objetivos.....	20
Caracterização da Amostra	20
Instrumentos.....	21
Questionário Sociodemográfico	21
Guião de Entrevista Semiestruturada	21
Procedimento de Seleção e Recolha de Dados	22
Procedimento de Análise de Dados.....	23
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	24
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDICES	
Apêndice A – Questionário Sociodemográfico	
Apêndice B – Guião de Entrevista Semiestruturada	
Apêndice C – Consentimento Informado	
Apêndice D – Sistema Hierárquico de Categorias	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.

Mapa conceptual das variáveis em investigação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se numa investigação de Doutoramento¹, claramente mais ampla e profunda, sobre famílias militares, que tem como objetivo central estudar o impacto da participação em missões internacionais, no sistema familiar. Para tal, procurar-se-á ouvir as “vozes” dos elementos pertencentes aos vários subsistemas familiares e aceder às suas perceções. Em última instância, esta tese de Doutoramento procura produzir conhecimento que permita planear, construir e executar programas de promoção da resiliência familiar, adaptados à realidade do Exército Português. Neste sentido, a presente investigação constitui um pequeno contributo no processo de conhecimento e compreensão das dinâmicas e complexidade das famílias militares que passam pela experiência de missões.

Sem esquecer a visão ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1997) e centrada no sistema familiar (Bertalanffy, 1968), que fundamenta as relações que o indivíduo estabelece em cada contexto com o qual interage, a presente investigação procura explorar de que modo a parentalidade é afetada pela ausência física do militar, por participação em missões internacionais. Parte-se do pressuposto-chave de que o impacto do deslocamento do militar no sistema familiar é consideravelmente grande (Boulding, 1950; Paley, Lester, & Mogil, 2013; Park, 2011), para se ampliar o conhecimento dos padrões relacionais, das necessidades individuais de cada elemento do sistema familiar e dos principais recursos que moldam a vivência de diferentes experiências.

Pretende-se, ainda, conseguir pistas pertinentes que permitam, aos técnicos que trabalham com esta população específica, ter diretrizes no que concerne a temáticas a abordar nos programas de promoção da resiliência familiar, minimizando os riscos e reforçando as relações familiares.

Para tal, a presente dissertação está organizada em vários capítulos, começando pelo Enquadramento Teórico, onde se encontra uma revisão de literatura sobre os principais temas associados à parentalidade em famílias militares e onde se faz uma revisão sobre o estado da arte no que respeita ao impacto da participação dos militares em missões internacionais. Segue-se a Metodologia, onde se pretende dar a conhecer as etapas que caracterizam o processo metodológico desta investigação. Por fim, surge a Análise e Discussão de Resultados, que pretende fazer face aos objetivos de investigação, e a Conclusão onde são apresentadas as principais reflexões, limitações e implicações para estudos futuros.

¹ Projeto de investigação de Renato Emanuel Carvalho Pessoa dos Santos, no âmbito do Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia da Família, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação das Professoras Doutoras Maria Teresa Ribeiro e Rita Francisco.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A partir de 1989 assistiu-se à rápida evolução do sistema internacional, o que levou à revisão do conceito de segurança coletiva e à reestruturação do papel das organizações internacionais enquanto responsáveis por garantir a paz (Santos, 2010). É neste contexto que as operações de apoio à paz², humanitárias e de gestão de crises assumem progressivamente um lugar de destaque, acabando o início dos anos 90 por ser uma referência para Portugal no que concerne ao envolvimento das Forças Armadas Portuguesas em missões de paz. De acordo com Santos (2010, p.496), “Portugal é, hoje, um país que contribui ativamente para a manutenção e promoção da paz e segurança internacionais”, tendo já participado nos diversos conflitos que foram eclodindo além-fronteiras (Loureiro, 2010). A primeira Força Nacional Destacada (FND) foi projetada em Moçambique em 1993 e, desde então, as Forças Armadas Portuguesas têm participado em diferentes operações de apoio à paz em Teatros de Operações (TO) como Angola, Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Timor-Leste, Afeganistão e Líbano (Loureiro, 2010). O crescimento exponencial da participação de Portugal em missões internacionais apresenta-se, assim, como uma oportunidade privilegiada para o estudo e caracterização dos militares (*peacekeepers*) portugueses (Carreiras, 1999), desbravando terreno na compreensão das especificidades da vida militar.

“No man is an Island.”

(Hazle, Wilcox, & Hassan, 2012, p.230)

Não obstante, e partindo desta citação, reforça-se a ideia de que será mais enriquecedor investigar e discutir os desafios que se colocam aos profissionais militares, se se considerar também os seus contextos de relações próximas, designadamente o contexto familiar. Ao encarar a organização militar como particular e profissionalmente exigente (Carreiras, 2010; Segal, 1986; Vilhena, 2005; Vuga & Juvan, 2013b), torna-se claro o envolvimento das famílias dos militares, que acabam por “servir” juntamente com o membro alistado (Hazle et al., 2012; Park, 2011). O Exército Norte-Americano tem sido o principal alvo de investigações nesta área, procurando-se ampliar conhecimento sobre a realidade destas famílias. À parte as diferenças entre o Exército Português e o Norte-Americano, a verdade é que a profissão militar continua a ser uma das atividades mais caracterizadas pela presença de *stress* em todo o mundo (Baltazar & Salvador, 2012), existindo semelhanças ao nível do impacto nas relações e dinâmicas

² De acordo com Branco (2010), o termo *operações de apoio à paz* é relativamente recente. A sua origem está no início da década de 90 e surge associada à necessidade de identificar as novas operações de elevada complexidade e de múltiplas dimensões em que a Organização das Nações Unidas (ONU) e as várias organizações internacionais se viram envolvidas. Nesta tese utilizar-se-ão os termos *operações de apoio à paz* e *missões de paz* indistintamente e assumindo o mesmo significado.

familiares. Tal como Carreiras (1999) argumenta, ao recorrermos a informação disponível em estudos (americanos) anteriores, deparamo-nos com pistas pertinentes para a reflexão e confronto com o caso do Exército Português.

As Famílias Militares e os Princípios Sistémicos e Ecológicos

O número de investigações que consideram a importância de ter como pano de fundo a perspectiva baseada no sistema familiar (e.g., DeVoe & Ross, 2012; Lester & Flake, 2013; MacDermid Wadsworth et al., 2013; Riggs & Riggs, 2011) e o modelo ecológico do desenvolvimento humano (e.g., Wooten, 2013), para compreender as dinâmicas e complexidade das relações das famílias militares, é cada vez maior, uma vez que o serviço militar impõe um estilo de vida particular, não só ao membro militar, mas a toda a sua família (Baltazar & Salvador, 2012; Willerton, Schawarz, MacDermid Wadsworth, & Oglesby, 2011).

A perspectiva dos autores suprarreferidos é concordante com os princípios da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1968), conceptualizando-se a família como um todo, uma emergência dos vários elementos que a constituem, e que a tornam una e única (Alarcão, 2002; Relvas, 2004). Sublinha-se, portanto, a necessidade de compreender o todo *família* como “um sistema, isto é, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior e mantendo o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento, percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Sampaio & Gameiro, 1985, p.11-12). A centralidade desta perspectiva emerge quando se pretende alcançar a complexidade inerente ao funcionamento das famílias militares. Sabe-se, à partida, que em algum momento do ciclo vital destas famílias o membro militar pode ser exposto a experiências de *stress* particulares do seu contexto profissional (e.g., deslocamento). Neste sentido, é crucial pensar os efeitos e impactos destas experiências, sem esquecer que são mediados por processos e relações familiares, tais como a relação coparental e a relação pais-filhos (Paley et al., 2013; Riggs & Riggs, 2011), bem como por aspetos idiossincráticos dos indivíduos que nelas estão envolvidos.

Simultaneamente, as relações com o exterior fazem deste sistema família, parte de outros sistemas mais abrangentes com os quais interage, e que influenciam a forma como são vivenciadas diferentes experiências (Bronfenbrenner, 1977; Minuchin & Fishman, 1981). Mais concretamente, os membros militares e as respetivas famílias estão social, psicológica e ambientalmente inseridos em múltiplos sistemas de influência, sendo possível enquadrá-los em função dos seguintes níveis sistémicos: o *nível microssistémico*, que inclui o militar e os diferentes papéis que assume, tais como membro militar, cônjuge e figura parental; o *nível mesossistémico*, que inclui as interações entre dois ou mais sistemas envolvendo o militar,

nomeadamente relação entre unidade militar e família; o *nível exossistémico*, que inclui as relações próximas entre dois ou mais contextos, estando o militar apenas incluído num deles, como por exemplo unidade militar e local de trabalho do cônjuge não-militar; o *nível macrossistémico*, que inclui as organizações militares, as políticas vigentes e a cultura; e um *nível transversal cronossistémico*, que representa as mudanças históricas, sociais e individuais características do militar, ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1977; Wooten, 2013).

A assunção destas lentes-guia como orientadoras do pensamento permite compreender como as famílias militares se debatem com princípios e valores, não só da família propriamente dita, mas também da instituição militar. Ambas lhe exigem o máximo no que respeita a compromissos, lealdade, tempo e energia (Segal, 1986), bem como no que respeita à capacidade de adaptação à mudança (De Carvalho & Whealin, 2012). Focamo-nos, assim, nos processos relacionais como resultado da interação e influência entre vários sistemas (Bertalanffy, 1968), ao invés de assumirmos uma causalidade linear entre a experiência de participação em missões internacionais e o impacto no sistema familiar, mais especificamente, na parentalidade.

A Parentalidade no Contexto das Relações Familiares

O estudo das relações pais-filhos surge como central quando se procura aceder à complexidade inerente às interações entre subsistemas familiares (Alarcão, 2002). Roy (2005) identifica múltiplas transições na vida de uma família associadas ao tornar-se pai, entre as quais desenvolver uma identidade enquanto pai, definir uma relação de coparentalidade com um parceiro e tomar decisões relativas ao trabalho e à vida pessoal que têm implicações para a parentalidade. Estas transições permitem, assim, desenvolver e consolidar progressivamente “as funções executivas, designadamente a proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas” (Sousa, 2006, p.41). É, portanto, a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem questões de autoridade, resolução de conflitos e formas de negociar no contexto da relação vertical. Os modelos de parentalidade, de forma geral, vão sendo processados ao longo da evolução familiar e dos contextos próximos, acabando os pais por ser confrontados com exigências específicas, nomeadamente as que a sua condição socioprofissional lhes coloca (McHale et al., 2002; Relvas, 2004).

As questões específicas da parentalidade e o ajustamento das crianças parecem estar, assim, estreitamente relacionados (Morris et al., 2002). Partindo deste pressuposto, é possível pensar no conjunto de atitudes face à criança, que lhe é comunicado, criando um clima emocional (*estilos parentais*); e nos comportamentos definidos por conteúdos específicos que são expressos nesse mesmo clima (*práticas parentais*) (Darling & Steinberg, 1993). Vários autores consideram a existência de duas principais dimensões deste comportamento parental:

uma mais relacionada com o *suporte, aceitação e afeto*, e outra mais relacionada com o *controle* (Canavarro & Pereira, 2007; Darling & Steinberg, 1993; Gallagher, 2002). A primeira dimensão caracteriza-se por comportamentos parentais que levam a criança a sentir-se confortável na presença dos pais, por sentir que é aceita e aprovada, estando diretamente relacionada com os vínculos que levam a criança a sentir-se amparada em situações de *stress* (MacDermid Wadsworth & Riggs, 2011). Envolve, portanto, variáveis como a expressão verbal e física de suporte afetivo; disponibilidade física e psicológica para a criança; sensibilidade a estados emocionais; e envolvimento na vida social da criança (Canavarro & Pereira, 2007; Darling & Steinberg, 1993). Por outro lado, a segunda dimensão relaciona-se com intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento dos filhos, para que esteja de acordo com as suas expectativas e níveis de exigência. Podemos estar no campo do controle comportamental (e.g., monitorização e supervisão dos comportamentos dos filhos; exigências ao nível da disciplina), ou do controle psicológico (e.g., uso de estratégias coercivas) (Morris et al., 2002). DeVoe e Ross (2012) consideram, ainda, que a competência parental é multideterminada, estando em jogo não só as características parentais, mas também o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra, as suas características idiossincráticas e fontes externas de *stress* e suporte.

Em última instância, estas transições e padrões relacionais familiares podem ser dotados de características distintivas no contexto do serviço militar (Boulding, 1950; Walsh et al., 2014), tornando-se de extrema relevância refletir sobre as principais mudanças e desafios que se colocam às famílias, quando confrontadas com uma das principais particularidades da profissão: frequente separação e isolamento da figura parental militar, da família, amigos e contextos mais alargados, em consequência da participação em missões (Baltazar & Salvador, 2012; Booth et al., 2007; Vuga & Juvan, 2013; Wood, Scarville, & Gravino, 1995).

Separação da Figura Parental Militar³

As ausências físicas frequentes, em consequência da participação numa missão internacional, levam a pensar as famílias militares como famílias “acordeão” (Minuchin & Fishman, 1981), que frequentemente se retraem e expandem, de forma a adaptarem-se à presença e à ausência de um elemento. Estes “movimentos” correspondem aos processos de reorganização e reestruturação que permitem atingir o equilíbrio familiar, embora exista alguma subjetividade na forma como as famílias se ajustam (Creech, Hadley, & Borsari, 2014; Dayton,

³ Por uma questão de organização da informação e de facilitação da compreensão dos processos estudados, optar-se-á pela utilização dos termos *figura parental militar* para o militar que parte em missão (i.e., figura parental masculina) e *figura parental não-militar* para o cuidador que fica em casa, independentemente de ser também militar de profissão (i.e., figura parental feminina).

Walsh, Muzik, Erwin, & Rosenblum, 2014). Se para algumas famílias a ausência física do militar pode estar relacionada com fatores de *stress* específicos que afetam o equilíbrio (Lester & Flake, 2013; Lowe, Adams, Browne, & Hinkle, 2012), para outras a frequência das ausências é assumida como “normal” e parte da vida familiar (Werner & Shannon, 2013). Este cenário serve de base à realização de um número crescente de investigações, que procuram explorar os efeitos do deslocamento nas relações figura parental militar-filhos e figura parental não militar-filhos (e.g., Card et al., 2011; Dayton et al., 2014; Werner & Shannon, 2013; Willerton et al., 2011). Willerton e colaboradores (2011), cujo estudo se focava particularmente na relação pai militar-filhos, concluíram que alguns militares procuravam continuar envolvidos na vida dos filhos, tentando manter atividades que habitualmente realizavam juntos (e.g., rever trabalhos de casa, ler histórias), o seu papel e responsabilidades (e.g., manter figura de autoridade) e a relação de confiança e de proximidade (e.g., ouvir a criança, fornecer suporte emocional). Já Werner e Shannon (2013), focando-se sobretudo na relação mãe-filhos, perceberam que a ausência do militar pode acarretar desafios específicos para as figuras que ficam (e.g., aumento de responsabilidades, preocupação com gestão de questões dos filhos sobre a missão), mas também contribui para o aumento da proximidade da relação (e.g., mãe e filhos passavam mais tempo de qualidade juntos). A investigação deixa, assim, de se focar unicamente no impacto direto no bem-estar e ajustamento psicológico do militar, do cônjuge e/ou das crianças, tornando-se mais integradora e considerando diferentes níveis de interação.

Posto isto, torna-se pertinente refletir sobre o impacto da participação em missões internacionais na gestão dos aspetos funcionais e relacionais da parentalidade, procurando perceber como as dinâmicas e as relações pais-filhos vão sendo moldadas por desafios específicos, ao longo deste processo complexo. Walsh e a sua equipa de investigação (2014) têm conduzido vários estudos neste sentido, concluindo que a ausência de uma figura parental está relacionada com níveis significativos de *stress* parental e com desafios específicos, tais como a gestão de separações e regressos, o restabelecimento da relação com os filhos a cada missão e a manutenção de uma parentalidade coordenada.

O Papel das Relações de Vinculação

Durante os primeiros anos de vida, o desenvolvimento das crianças é marcado por um rápido progresso a vários níveis (e.g., físico, cognitivo), sendo essencial a existência de adulto(s) que suporte(m) e regule(m) estas capacidades (Walsh et al., 2014). Esses adultos passam a ser as figuras de referência com as quais as crianças estabelecem vínculos únicos (Riggs & Riggs, 2011), que em parte são resultado da sua responsividade, sensibilidade e disponibilidade emocional (Ainsworth & Bell, 1969, citado por Cardoso & Veríssimo, 2013).

Esta capacidade de perceber e interpretar os sinais da criança, respondendo de forma adequada às suas necessidades, acaba por influenciar o desenvolvimento de representações do próprio, dos outros e das relações (Cardoso & Veríssimo, 2013). Tal leva a crer que uma menor disponibilidade e envolvimento por parte destas figuras de referência pode originar sentimentos de insegurança na criança e sensação de perda da relação de proximidade (Compton & Hosier, 2011; Esposito-Smythers et al., 2011; Riggs & Cusimano, 2014).

Por conseguinte, a questão que se coloca prende-se sobretudo com a forma como estes processos se desenrolam nas famílias militares. As missões internacionais constituem uma ameaça à segurança de cada elemento da família, já que pelo menos uma das figuras de vinculação fica(rá) indisponível (Vormbrock, 1993, cit. por Riggs & Cusimano, 2014), o que por sua vez ativa o sistema de vinculação do militar e da restante família (Riggs & Riggs, 2011). Neste contexto de ativação, a figura parental não-militar assume um papel central nos padrões de vinculação pais-filhos, ao ser a única figura fisicamente presente (Cardoso & Veríssimo, 2013). Posto isto, os comportamentos parentais e o bem-estar psicológico destas figuras de referência parecem estar estreitamente relacionados com as respostas e reações dos últimos a experiências de *stress* (Chandra et al., 2010; Lester et al., 2010).

Creech e colaboradores (2014) publicaram recentemente uma revisão de estudos que, entre outros aspetos, procuravam perceber de que forma as experiências únicas e/ou repetidas de deslocamento estão associadas ao ajustamento psicossocial das crianças e adolescentes das famílias militares. As crianças entre os 6 e os 17 anos parecem apresentar níveis mais elevados de ansiedade, tristeza e outros problemas de internalização comparativamente com as crianças de famílias não militares (e.g., Flake, Davis, Johnson, & Middleton, 2009). Paralelamente, a experiência repetida de missões surge associada a mais problemas de externalização (e.g., Lester et al., 2010). No que concerne aos adolescentes, verificou-se que a sensação de perda e de incerteza assume um lugar de destaque (e.g., Huebner, Mancini, Wilcox, Grass, & Grass, 2007), havendo uma preocupação com o bem-estar da figura parental destacada (e.g., Mmari, Roche, Sudhinaraset, & Blum, 2008). Além destas reações associadas ao deslocamento, as crianças também podem enfrentar um período de elevado *stress* com o regresso da figura parental militar, ao anteciparem uma nova ausência em consequência de uma nova missão (Wilson, Chernichky, Wilkum, & Owlett, 2014).

Ainda que a perda temporária de uma figura de vinculação possa levar as crianças a lidarem com receios e ansiedade, é importante ressaltar que as diferenças individuais e familiares nos padrões de vinculação possam moldar as reações emocionais e as respostas à separação de uma figura parental (Riggs & Cusimano, 2014; Riggs & Riggs, 2011).

Gestão da coparentalidade

O panorama acima exposto permite pensar sobre o papel da figura parental não-militar, antes, durante e após a separação física do militar, bem como sobre a forma como os aspetos funcionais e relacionais da parentalidade são geridos, coordenados e renegociados. A literatura sobre o tema aponta sobretudo para alterações durante e após o deslocamento, focando os processos associados à ausência e à reintegração da figura militar (e.g., Card et al., 2001; Faber, Willerton, Clymer, MacDermid, & Weiss, 2008; Gewirtz, Pinna, Hanson, & Brockberg, 2014; Walsh et al., 2014), sendo importante fazer algumas considerações sobre a mesma.

De acordo com Lester e Flake (2013), as investigações na área da coparentalidade evidenciam-se como ponto de partida para compreender as dinâmicas das famílias militares, visto que são um veículo para a exploração da forma como os pais negociam questões relacionadas com a vida dos filhos, como partilham responsabilidades, e como respondem e reagem às estratégias um do outro. Sabendo isto e acrescentando o facto das missões se apresentarem como um obstáculo efetivo à coparentalidade, torna-se crucial estudar o impacto que as “preparações”, “saídas” e “(re)entradas” têm na forma como o casal parental coopera, comunica, se coordena, negocia e gere questões de poder e hierarquia (Lester & Flake, 2013). Aquando do deslocamento, o elemento do casal parental que fica torna-se o “único comandante” da casa, assumindo responsabilidades e tarefas que antes eram partilhadas por ambos. Esta alteração verifica-se sobretudo ao nível das tarefas domésticas, da manutenção de rotinas familiares, da gestão de regras e limites, da prestação de suporte emocional aos filhos, e da tomada de decisão (Riggs & Cusimano, 2014; Werner & Shannon, 2013). A par destas mudanças, muitas vezes estas figuras parentais sentem um menor suporte (emocional e financeiro) e são confrontadas com preocupações relativamente ao bem-estar do militar (Boulding, 1950; Card et al., 2011; Palmer, 2008).

Estes fatores podem repercutir-se de diferentes formas. Há evidências que apontam para a redução da monitorização de comportamentos dos filhos, do envolvimento e da disponibilidade emocional da figura parental que fica (e.g., Lowe et al., 2012). Outras remetem para a tendência para a flexibilização da disciplina por parte destas figuras, ao considerarem que a criança já está a passar por uma situação stressante, ao estar longe do pai militar (Paley et al., 2013). Neste caso pode assistir-se à dissolução de fronteiras, existindo possíveis cenários como a parentificação do filho ou a sua utilização como confidente (Card et al., 2011). Estas alterações podem gerar dificuldades quando o militar regressa, já que a sua presença implica uma reorganização ao nível dos papéis e responsabilidades parentais, que nem sempre é prontamente aceite pelos filhos (DeCarvalho & Whealin, 2012; Faber et al., 2008; Huebner et al., 2007). Por último, há ainda investigações (e.g., Werner & Shannon, 2013) que refletem a

necessidade destas figuras parentais que ficam manterem alguma normalidade e consistência. À parte o *stress* relacionado com a missão, estas figuras relatam a necessidade de manter alguma consistência nas rotinas do dia-a-dia, continuar a participar nas atividades e interesses dos filhos, e continuar tão disponível para eles como antes da partida do companheiro. Outros relatos interessantes surgem associados à ocupação de tempos livres. Estas figuras parentais procuram realizar mais atividades distratoras em família durante este período, acabando estas por funcionar como mecanismo de *coping* que lhes permite estarem juntos, desfrutarem de momentos divertidos e reforçar a identidade familiar (Warner & Shannon, 2013).

Ainda que as evidências supramencionadas apoiem a noção de que várias alterações ocorrem quando as famílias se deparam com a realidade das missões internacionais, autores como Schachman (2010, cit. por Willerton et al., 2011) consideram que, apesar da distância geográfica, os militares procuram manter o equilíbrio familiar e continuar envolvidos na vida dos filhos através dos recursos disponíveis (e.g., meios de comunicação).

A Resiliência e as Famílias Militares

“Ao longo da história, as crianças e famílias militares têm mostrado uma grande capacidade de adaptação e resiliência.”
(Park, 2011, p.65)

Estas considerações levam a crer que, de facto, as famílias militares enfrentam desafios acrescidos dada a existência de missões internacionais que implicam a separação de uma figura parental do resto da família. Porém, um número elevado de famílias reporta uma adaptação positiva ao longo do ciclo do deslocamento, tornando-se útil e enriquecedor compreender as mudanças que daí advêm de acordo com uma perspetiva centrada na resiliência familiar (Saltzman, Pynoos, Lester, Layne, & Beardslee, 2013). Segundo estes autores, é o balanço entre os desafios familiares e as capacidades familiares que permite perceber como as famílias se adaptam a acontecimentos como o deslocamento militar.

A partir do momento em que o militar recebe a notificação e a família é confrontada com a notícia de participação na missão, a estrutura do sistema familiar muda e força os vários elementos do sistema a mudarem também, de tal forma que seja possível renegociar fronteiras, adotar novas regras e desenvolver rotinas que mantenham o equilíbrio familiar (Riggs & Cusimano, 2014). Este processo de adaptação é mediado pelo sistema de crenças familiar (e.g., sentido dado à experiência de *stress*: visão da missão como acontecimento que podem ultrapassar juntos), pelos padrões de organização (e.g., flexibilidade: capacidade para renegociar regras familiares, mas manter os rituais familiares) e pelos padrões de comunicação (e.g., clareza da informação partilhada: manter a criança informada sobre a missão) (Walsh,

2003). Esta visão acaba por justificar a forma adaptativa como muitas famílias encaram as ausências de um elemento do sistema. Por um lado, a partilha do sentido da missão pode ser um recurso valioso, sendo crucial os pais conseguirem responder aos “porquês” das crianças sobre a missão (Saltzman et al., 2013). Por outro, a ausência de uma figura parental pode contribuir para o crescimento e maturidade das crianças que, ao estarem sem um dos pais, têm um papel mais ativo nas responsabilidades e regras familiares (Huebner et al., 2007). Concomitantemente, é possível assistir a uma aproximação entre a figura parental que fica e os filhos, fortalecendo os laços da relação (sem que se assista à dissolução de fronteiras entre os subsistemas) e, conseqüentemente, contribuindo para o bem-estar e funcionamento psicológico das crianças (Card et al., 2011).

Recursos

Tais reflexões devem ser articuladas com informações provenientes das investigações e revisões que apontam para a existência de fatores moderadores do impacto do deslocamento nas dinâmicas familiares, entre os quais está, por exemplo, o suporte social (Park, 2011; Riggs & Cusimano, 2014) e a comunicação do militar com a família (Houston, Pfefferbaum, Sherman, Melson, & Brand, 2013).

Suporte Social Percebido

As constatações acima referidas permitem a visão das relações interpessoais como relevantes na redução do *stress* e do impacto negativo no bem-estar psicológico dos elementos da família que não partem em missão (Skomorovsky, 2014). Estas relações são habitualmente estabelecidas com a família alargada e com os amigos mais próximos, acabando estes por ter um papel central na assistência e facilitação do processo de adaptação à experiência do deslocamento (Riggs & Cusimano, 2014). Num estudo feito por Barbudo, Francisco e Santos (2014) foi possível concluir que um dos principais recursos e estratégias, utilizadas pelos casais portugueses para fazer face às exigências das missões internacionais, é a existência de rede de apoio, que se concretiza no suporte prestado sobretudo pela família e pelos amigos. Ainda neste sentido, e de acordo com a revisão de Paley e colaboradores (2013), são vários autores (e.g., Paris et al., 2010; Spera, 2009; Williams & Rose, 2007) que consideram que a disponibilidade de suporte emocional e funcional, por parte de figuras de referência, pode constituir um recurso valioso na adaptação destas famílias. Compreende-se que ao funcionarem como um recurso, estas figuras de suporte não só promovem estratégias alternativas para lidar com o *stress* associado à missão, como também auxiliam os membros da família na redefinição de uma situação como menos ameaçadora (Campbell-Sills, Cohan, & Stein, 2006). Por um lado pode

encarar-se estes elementos como cuidadores adicionais que apoiam o elemento do casal parental que fica, de tal forma que não se alterem as rotinas das crianças (e.g., atividades extracurriculares) e que continue a ser prestado o suporte emocional necessário ao seu desenvolvimento (e.g., gestão de preocupações face à missão). Por outro, podem funcionar como fonte de suporte emocional para a figura parental, havendo espaço para que sejam partilhadas emoções e preocupações que acompanham o ciclo do deslocamento militar. Talvez por esta razão seja frequente a deslocação da figura parental não-militar e dos filhos para as cidades onde se encontram as suas principais referências, encaradas como fontes de segurança e suporte (Paley et al., 2013).

Meios de Comunicação

Concomitantemente, a comunicação entre os elementos da família pode ser um moderador importante do impacto do deslocamento, acabando as novas tecnologias (e.g., e-mail, mensagens de texto, telefone por satélite) por assumir um lugar de destaque ao providenciarem uma melhor e mais frequente comunicação entre o militar e os restantes membros da família (Houston et al., 2013). As novas tecnologias revelam-se essenciais na manutenção da relação entre o pai militar e os filhos (Lieberman & Van Horn, 2013), já que a comunicação, embora de longa-distância, dá a sensação de proximidade e de pertença. A utilização dos meios de comunicação disponíveis é, portanto, uma forma simbólica de perpetuar os vínculos, diminuindo a sensação de isolamento e facilitando as interações familiares (Lester & Flake, 2013). Wheeler e Torres Stone (2010) exploraram a forma como as famílias militares usavam as tecnologias, nomeadamente o telefone e o e-mail, para se manterem em contacto com o militar durante o deslocamento. Ainda que o telefone implique maiores custos financeiros, parece ser um dos meios preferenciais, uma vez que é mais rápido e mais pessoal, mostrando-se vantajoso na transmissão de informações de conteúdo mais sensível (Schumm, Bell, Ender, & Rice, 2004). Mais recentemente, Houston e colaboradores (2013), procuraram estudar a frequência e qualidade da comunicação das famílias militares antes, durante e após o deslocamento, concluindo que o e-mail é o meio de comunicação preferencial durante a ausência do militar. Os resultados deste estudo apontam, ainda, para uma associação positiva entre uma maior frequência de comunicação (pai militar-filhos) e uma melhor avaliação da qualidade dessa comunicação. No fundo, para os militares que são pais torna-se imperativa a manutenção da relação com os filhos, acabando esta por estar dependente da possibilidade de comunicação, durante o deslocamento (Greene, Buckman, Dandeker, & Greenberg, 2010). Atualmente, o e-mail pode ser uma das melhores formas de comunicação familiar, já que por um lado a rápida expansão das novas tecnologias fez dele um dos meios mais disponíveis, e por

outro parece ser a melhor forma de resolver conflitos familiares, não havendo interferência de emoções fortes imediatas (Hall, 2008; Laser & Stephens, 2011). Não obstante, o *skype* e outros meios visuais tornam-se progressivamente mais utilizados por oferecerem a possibilidade de ver e ouvir o outro em tempo real (Laser & Stephens, 2011), abrindo caminho à manutenção de rotinas familiares.

Paralelamente, outros investigadores (e.g., Barbudo et al., 2014; Martins, Santos, & Francisco, 2014) procuraram explorar o tipo de comunicação mais utilizada pelos casais portugueses durante o deslocamento, concluindo que estes recorrem mais à comunicação interativa (ao invés da retardada), dando preferência ao uso do telefone (fixo e móvel), videochamadas e videoconferências (e.g., *skype*). Mais se acrescenta que a manutenção da presença psicológica e emocional da figura parental militar durante o deslocamento (e.g., através destes meios) está associada a uma maior flexibilidade da família no processo de adaptação ao regresso do militar (Greene et al., 2010; Riggs & Riggs, 2011), tornando-se, assim, relevante garantir o acesso das famílias e dos militares a este tipo de comunicações durante a participação em missões internacionais.

Missões internacionais: Ciclo do deslocamento

Dada a natureza das missões internacionais, estas implicam o deslocamento do membro militar para uma área longe de casa. Mais concretamente, entende-se por deslocamento o movimento estratégico dos serviços militares (pessoas e materiais militares) de uma base-casa para uma base de combate militar ou para operações de apoio à paz (U.S. Army, 1992, cit. por Card et al., 2011). Os deslocamentos variam em função de determinados fatores, tais como os objetivos da missão e os riscos que implicam para os militares. Ainda assim, a visão do deslocamento enquanto processo (Sheppard, Malatras, & Israel, 2010) leva à existência de várias conceptualizações baseadas em fases, com início e fim mais ou menos marcado, relatadas pela literatura.

A *American Psychological Association* (APA, 2007) aponta para quatro fases distintas do deslocamento, sendo elas o *pré-deslocamento*, período que vai desde a notificação de missão até à partida; o *deslocamento*, período de ausência física do militar; o *reencontro*, período de preparação do regresso do militar; e o *pós-deslocamento* ou *reintegração*, período após o regresso do militar. Já Pincus, House, Christenson e Alder (2001), fazendo uma adaptação das fases descritas por Logan (1987) e sendo mais atentos às transições que ocorrem durante uma missão, identificaram cinco fases distintas: *pré-deslocamento*; *deslocamento*; *manutenção*; *pré-reencontro*; *pós-deslocamento*.

Embora estas conceptualizações possam ser elucidativas de algumas transições pelas quais as famílias militares passam, mostra-se relevante refletir sobre a possibilidade de um modelo mais faseado ser mais sensível à realidade destas famílias. Neste sentido, Van Breda (1996) propõe a subdivisão do ciclo do deslocamento em sete fases, que se agrupam em três fases mais gerais – *pré-deslocamento*; *deslocamento*; *pós-deslocamento*. Já DeVoe e Ross (2012), reconhecendo a centralidade das crianças na vida de muitas famílias militares, consideraram enriquecedor debruçar-se sobre os modelos do ciclo do deslocamento usualmente citados e refletir sobre desafios e exigências específicas associadas à parentalidade. Este reenquadramento das fases do ciclo do deslocamento permite, assim, “propor um novo ciclo parental do deslocamento” (DeVoe & Ross, 2012, p.184). Desta forma, e considerando que o deslocamento no geral representa uma fonte de *stress* familiar (Chandra et al., 2010; Lowe et al., 2012; Newby et al., 2005; Sheppard et al., 2010), torna-se relevante sumarizar as principais considerações feitas pelos vários autores, enquadrando-as em função das fases propostas por Van Breda (1996).

Pré-Deslocamento

O pré-deslocamento corresponde ao período de tempo que vai desde o conhecimento da notificação para a participação em missão até à partida efetiva para a mesma. O tempo de duração desta fase é variável em função da antecedência com que é recebida a notícia, ainda assim, Van Breda (1996) aponta como referência um a dois meses de duração. Nesta fase de preparação para a separação, as maiores preocupações da família estão associadas às questões financeiras, empregos, planos para as crianças e suporte emocional (Pincus et al., 2001; Sewnson & Wolff, 2011; Van Breda, 1996). Durante o pré-deslocamento em geral decorrem duas fases principais: Antecipação da perda e Desvinculação e retirada.

1. Antecipação da perda

Durante este período, as principais preocupações do membro do casal parental que fica focam-se sobretudo na antecipação da realidade de cuidar sozinho de uma criança, enquanto gere as suas preocupações e as dos filhos relativamente ao pai que estará no TO (DeVoe & Ross, 2012). Uma vez recebida a notificação, as famílias começam a antecipar e a planear a reestruturação que será inevitável com a partida do militar (Riggs & Cusimano, 2014). Um dos desafios com os quais a família se confronta é a necessidade de conciliar passar mais tempo na unidade de treino para preparação da missão (e.g., aprontamento) e o passar tempo de qualidade em família antes da partida (Van Breda, 1996).

2. Desvinculação e retirada

Esta fase corresponde aos últimos dias antes da partida do militar e caracteriza-se por uma sensação de distância emocional e física. Esta separação emocional é, muitas vezes, originada pelo desconforto da figura parental que fica, relativamente à sensação de que a partida do militar se está a aproximar. Este afastamento inclui, muitas vezes, sentimentos de ambivalência e raiva (Hall, 2008; Van Breda, 1996), sendo encarado como o “dizer adeus” (DeVoe & Ross, 2012).

Deslocamento

De acordo com DeVoe e Ross (2012), o deslocamento corresponde ao período em que o militar está geograficamente separado da sua família, iniciando-se, portanto, no momento da partida do militar para uma zona de combate e terminando quando este regressa a casa. O momento de despedida pode ser bastante doloroso para a família, acabando muitas vezes por ser evitado ao reservar a partida para os momentos em que a criança está a dormir ou na escola (DeVoe & Ross, 2012). Durante o deslocamento têm lugar três fases: Desorganização emocional, Recuperação e estabilização e Antecipação do regresso.

3. Desorganização emocional

Esta fase corresponde habitualmente às primeiras seis semanas após a partida e é descrita como sendo caracterizada por desorientação e um misto de emoções (DeVoe & Ross, 2012; Pincus et al., 2001). A ausência de uma figura parental leva a reajustamentos na estrutura e funcionamento familiar (Van Breda, 1996), sendo que o membro do casal que fica acarreta grande parte das responsabilidades familiares, que antes eram partilhadas. Neste contexto de reajustamento da vida familiar e balanço de necessidades enquanto cônjuge, assiste-se muitas vezes ao surgimento de novos desafios parentais, tais como gestão de suporte emocional dado aos filhos; supervisão e monitorização de comportamentos; estabelecimento de novas regras e rotinas; e gestão de papéis e responsabilidades parentais (DeVoe & Ross, 2012; Paley et al., 2013; Swenson & Wolff, 2011).

4. Recuperação e estabilização

Esta fase corresponde aos meses que se seguem às primeiras semanas de desorganização emocional, caracterizando-se por uma reorganização e reestruturação do membro do casal que fica enquanto cônjuge/figura parental (Van Breda, 1996). Para alguns cônjuges, contactarem novamente com o militar (e.g., através dos meios de comunicação disponíveis) pode ser uma experiência estabilizadora. Ao preservar-se uma das principais fontes de suporte, facilita-se a tarefa familiar de manutenção do equilíbrio emocional (DeVoe & Ross, 2012; Hall, 2008; Pincus et al., 2001).

5. Antecipação do regresso

A antecipação do regresso corresponde, essencialmente, às seis semanas que antecedem o regresso do militar a casa (Van Breda, 1996). Este período é habitualmente descrito pelas famílias como a fase em que se “contam os dias”. Esta perceção de regresso eminente é caracterizada, muitas vezes, por ansiedade e apreensão, já que existem várias preocupações subjacentes ao regresso: (1) reação do militar face às mudanças que ocorreram durante a missão; (2) estado físico e emocional do militar aquando do regresso; (3) dificuldade na tomada de decisões; (4) gestão de receios e dúvidas dos filhos (DeVoe, & Ross, 2012; Pincus et al., 2001).

Pós-Deslocamento

O pós-deslocamento corresponde à fase que tem início a partir do momento em que o militar regressa a casa e se prepara para reintegrar a vida familiar (Van Breda, 1996), tendo uma duração variável em função das especificidades familiares (Pincus et al., 2001). O regresso do militar pode ser considerado um grande evento (Baker et al., 1968), traduzindo-se, habitualmente, num período de “lua-de-mel” familiar (DeVoe & Ross, 2012; Lester & Flake, 2013). Ainda que os momentos iniciais sejam de celebração, esta fase destaca-se por ser emocionalmente complexa e colocar grandes desafios à família militar (DeVoe & Ross, 2012; Hazle et al., 2012; Swenson & Wolff, 2011). Durante o pós-deslocamento decorrem duas fases: Renegociação do contrato de casamento e Reintegração e estabilização.

6. Renegociação do contrato de casamento

A duração deste estágio é variável, sendo a média por volta das seis semanas após o regresso (Van Breda, 1996). A alegria e o bem-estar sentidos durante os primeiros momentos após o regresso podem desaparecer, dando lugar a uma grande ambivalência e a sentimentos caracterizados pela ansiedade, raiva e desilusão (Swenson & Wolff, 2011; Pincus et al., 2001). Aqui considera-se que esta “renegociação do contrato de casamento” pode ser alargada, abrangendo, também, uma série de considerações acerca da renegociação de uma parentalidade coordenada (DeVoe & Ross, 2012). Isto porque, tal como na relação conjugal, o militar pode sentir-se inseguro face à necessidade de se reconectar e restabelecer pontes na relação com os filhos. Esta insegurança acarreta, muitas vezes, *stress* para ambos os membros do casal parental, implicando uma renegociação de papéis e responsabilidades parentais, regras e rotinas familiares, de forma a amortecer os efeitos adversos do deslocamento na criança (DeVoe & Ross, 2012; Esposito-Smythers et al., 2011; Lester & Flake, 2013). Contudo, uma grande parte das crianças com uma vinculação segura antes do deslocamento da figura parental tende a adaptar-se rapidamente ao regresso e a retomar uma relação positiva, o que demonstra um ajustamento saudável (Riggs & Cusimano, 2014).

7. Reintegração e estabilização

Este período caracteriza-se por uma reorganização e reestruturação das dinâmicas e funcionamento familiar, começando, assim, cerca de seis a 12 semanas após o regresso do militar. Considera-se que novas rotinas são estabelecidas, que as relações familiares são mais harmoniosas e que os membros da família estão mais próximos (Van Breda, 1996). DeVoe e Ross (2012) definem este período final como “a barreira entre a natureza reativa inicial ao regresso físico do pai militar e uma postura mais proactiva e orientada para o futuro característica da reintegração” (p.188). No estudo desenvolvido por Willerton e colaboradores (2011), os pais militares identificaram algumas atividades que realizavam para manter e/ou restabelecer o envolvimento afetivo, tais como ler histórias, ir ao parque, fazer correções dos trabalhos de casa, ensinar os filhos e participar nas suas brincadeiras e jogos. Posto isto, considera-se que, contrariamente ao *deslocamento* que dura por um período de tempo específico, o período da *reintegração* é mais subjetivo, na medida em que depende de cada sistema familiar e da capacidade de cada elemento desse sistema para se adaptar ao regresso do militar (Creech et al., 2014).

Concluindo, importa ter consciente que este modelo de sete fases não oferece, à partida, base científica nem suporte empírico. Representa, apenas, e à semelhança de outros modelos, um dispositivo heurístico, organizador do pensamento sobre a vida das famílias militares (Sheppard et al., 2010). Este modelo pretende, portanto, fazer face às especificidades da participação numa missão internacional e servir como referencial para uma melhor compreensão da experiência destas famílias (Van Breda, 1996). Parte-se da premissa de que estas sete fases podem espelhar não só os processos e dinâmicas conjugais, mas também as dinâmicas ao nível da parentalidade, para justificar o foco da presente investigação nas mudanças e alterações percebidas pela figura parental que fica, na relação pais-filhos, nas várias fases do ciclo do deslocamento.

Portugal e as Famílias Militares

A crescente participação das Forças Armadas Portuguesas em missões de paz tem levado vários investigadores a interessarem-se pelos processos que lhe estão subjacentes (Carreiras, 2010). Ainda assim, e comparativamente com outros países, são escassos os estudos que procuram explorar a forma como estas experiências têm impacto no militar e nos contextos próximos com os quais interage. No plano sociológico as investigações têm orientado o seu foco para a caracterização dos *peacekeepers* portugueses e para o conhecimento e compreensão das condições e experiências concretas dos militares em missão (e.g., Carreiras, 1999; Carreiras, 2010). Simultaneamente, Carreiras (2013) tem vindo a desenvolver estudos que

privilegiam a análise da integração das mulheres nas Forças Armadas e o seu envolvimento em áreas operacionais e em combate. Já o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE) tem procurado estudar variáveis do tipo sociológico como as motivações para a missão, os níveis de satisfação e as dificuldades sentidas pelos militares, utilizando instrumentos de recolha de dados antes, durante e após as missões (e.g., Sampaio, Luís, & Fazendeiro, 2003). Ainda no âmbito destas investigações, existem estudos que se centram na autoeficácia e na eficácia coletiva das FND (e.g., Oliveira da Cruz, 2004) e no desenvolvimento de *burnout* em militares em missão de paz (e.g., Oliveira da Cruz, 2003; Chambel & Oliveira da Cruz, 2012).

Os avanços científicos supracitados permitem compreender como as famílias dos militares portugueses que partem em missão parecem continuar “invisíveis” aos olhos de muitos investigadores, mesmo que pistas pertinentes tenham sido semeadas: no estudo de Carreiras (1999), quase metade dos participantes (46,8%) referiu a “distância da família” como uma das principais dificuldades sentidas aquando das missões na Bósnia-Herzegovina. Existe, de facto, um número reduzido de estudos que apontam para uma perspetiva centrada na família e nas partes que a compõem, embora tenham já sido feitos alguns progressos. Vilhena (2005) desbravou caminho no campo da resiliência em contexto familiar, estudando, entre outras variáveis, a satisfação conjugal como recurso ou vulnerabilidade. Mais recentemente, outros investigadores (e.g., Barbudo et al., 2014; Martins et al., 2014) procuraram explorar as perceções dos cônjuges de militares relativamente ao impacto das missões nas relações conjugais, identificando recursos e estratégias para fazer face às exigências e desafios característicos destas experiências.

Não obstante a existência de alguns estudos em Portugal que já permitem aceder, em parte, à realidade destas famílias, a verdade é que não tem sido desenvolvida investigação que permita conhecer e compreender as particularidades relacionais e funcionais da parentalidade. Tal condiciona o conhecimento das especificidades das famílias militares portuguesas. Esta investigação torna-se, assim, pertinente por ter como principais objetivos: (1) Explorar perceções de possíveis alterações ao nível dos aspetos relacionais e funcionais da parentalidade, resultantes da participação da figura parental masculina em missões internacionais; (2) Explorar o impacto do deslocamento da figura parental masculina, por participação em missões internacionais, na relação mãe-filho(s); (3) Identificar possíveis recursos utilizados, antes, durante e após o deslocamento, para diminuir o impacto da ausência da figura parental masculina na relação pais-filho(s).

II. METODOLOGIA

Enquadramento Metodológico

O presente estudo revela-se descritivo e exploratório, seguindo uma abordagem de natureza qualitativa, de tal forma que a compreensão do fenómeno em estudo se caracteriza mais em profundidade do que em quantidade (Silverman, 2000). Assume-se, à partida, que os resultados produzidos são fruto da utilização de métodos que primam pela análise interpretativa, em detrimento da utilização de procedimentos estatísticos (Strauss & Corbin, 1998), procurando-se aceder a significações pessoais referentes à experiência humana, e compreendendo relações e processos característicos de determinadas circunstâncias contextuais (Denzin & Lincoln, 2003; Moore, 2014). Neste tipo de abordagem considera-se, também, a interatividade do processo de recolha e análise dos dados na produção de teoria, no sentido em que existe uma influência e enriquecimento mútuo entre as várias fases que, conseqüentemente, se pretendem entrecruzadas e permeáveis. Concomitantemente, o investigador não só assume a responsabilidade das interpretações realizadas, como também se apresenta flexível face ao processo interativo com que se confronta na sua investigação (Strauss & Corbin, 1994). A utilização de métodos qualitativos neste estudo fundamenta-se, assim, no reconhecimento da necessidade de explorar áreas pouco desenvolvidas e onde se pretende ampliar novo conhecimento, bem como na procura da compreensão de vivências de situações e contextos específicos (Stern, 1980, cit. por Strauss & Corbin, 1998). Entende-se, portanto, as vivências das famílias militares como apresentando especificidades que só através de um desenho metodológico qualitativo podem (ainda que apenas em parte) ser compreendidas. O foco de interesse é a compreensão das perceções dos participantes relativamente às experiências vividas e a procura de padrões de ação e interação comuns que permitam ir além da caracterização individual (Daly, 2007; Strauss & Corbin, 1994).

Conseqüentemente, considera-se que a abordagem qualitativa é congruente com a perspetiva sistémica considerada, dado que se procura uma compreensão holística dos fenómenos, encarando-os como um todo; que se enfatiza o sistema complexo de relações em que os indivíduos estão imbuídos; que se considera o contexto natural em que ocorrem; e que se contempla a complexidade inerente à causalidade circular na compreensão de padrões de interação (Carreiras & Alexandre, 2013; Vuga & Juvan, 2013a).

Tal permite-nos refletir sobre o paradigma que está subjacente ao presente estudo, adotando-se o pós-positivismo (Guba & Lincoln, 1994) como pano de fundo. Assumimos, assim, que apenas conseguimos aceder de forma limitada e aproximada à compreensão da

realidade, e que o foco está nos processos e significados que se retiram dos próprios termos e expressões dos participantes, procurando-se captar o “como” e o “porquê” que culmina na compreensão aprofundada do fenómeno em estudo (Guba & Lincoln, 1994).

Desenho da Investigação

Questão Inicial

Considerando o carácter exploratório do estudo, a presente investigação parte da seguinte questão inicial:

De que forma a ausência física de uma figura parental, por participação em missões internacionais, influencia a gestão da parentalidade em famílias militares?

Mapa Conceptual

A Figura 1 corresponde a uma representação gráfica que pretende ilustrar as variáveis em estudo, bem como a relação entre elas. Considerando as características exploratórias do estudo, assumiu-se o contexto militar, designadamente uma das suas especificidades (missões internacionais), como guia para a compreensão das dinâmicas e relações das famílias militares. A partir daqui, procurámos entender como a participação de um elemento do subsistema parental numa missão internacional poderia estar relacionada com alterações ao nível da parentalidade. Esta compreensão centrou-se, sobretudo, em três grandes fases da missão, o pré-deslocamento, o deslocamento (que corresponde à ausência física do militar do sistema familiar) e o pós-deslocamento, bem como nas especificidades das relações intra e inter subsistemas. A variável recursos externos foi considerada como potencial moderador do impacto desta experiência particular. Sem nunca perder a visão sistémica e a complexidade inerente aos processos estudados, procurou-se aceder (em parte) às vivências das famílias militares.

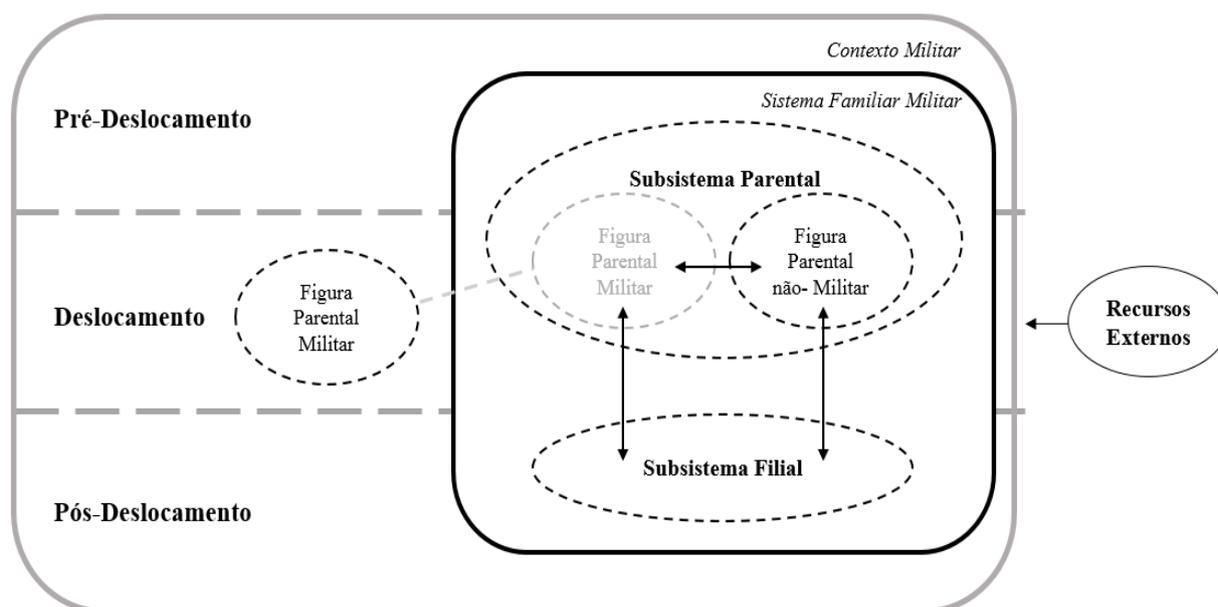


Figura 1. Mapa Conceptual das variáveis em investigação.

Objetivos

Em consonância com a questão inicial proposta e com o mapa conceitual apresentado, constituem objetivos do presente estudo:

(1) Explorar percepções de possíveis alterações ao nível dos aspetos relacionais e funcionais da parentalidade, resultantes da participação da figura parental masculina em missões internacionais.

(2) Explorar o impacto do deslocamento da figura parental masculina, por participação em missões internacionais, na relação mãe-filho(s).

(3) Identificar possíveis recursos utilizados, antes, durante e após o deslocamento, para diminuir o impacto da ausência da figura parental masculina na relação pais-filho(s).

Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo é constituída por nove participantes do sexo feminino, cônjuges de militares, sendo que duas também são militares de profissão, com idades compreendidas entre os 32 e os 66 anos ($M = 42.44$, $DP = 10.19$). Estas participantes representam um recorte do universo de mães de famílias militares portuguesas, tendo filhos com idades compreendidas entre os 2 e os 21 anos. Acrescenta-se, ainda, que os casais destas famílias em estudo têm entre 2 ($n = 8$) e 3 ($n = 1$) filhos. Os cônjuges militares das participantes pertencem a um dos Ramos das Forças Armadas Portuguesas – o Exército Português –, distribuindo-se por duas categorias, nomeadamente, Sargento ($n = 2$) e Oficial ($n = 7$). Estes militares têm entre 2 e 6 participações em missões internacionais, tendo estas decorrido em

locais como Afeganistão, Angola, Bósnia, S. Tomé e Príncipe, Timor e Uganda. Considera-se, ainda, que a maioria dos militares esteve em mais do que um destes locais em missão (n = 8).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

A utilização do questionário sociodemográfico (Apêndice A) tem como principal objetivo a recolha complementar de dados que permitam uma contextualização da informação recolhida através das entrevistas e que possam ser pertinentes para a interpretação dos resultados. Desta forma, as questões incidem sobre dados sociodemográficos dos participantes (e.g., sexo, idade, estado civil, localidade de residência, número e idade dos filhos, número de elementos do agregado familiar, habilitações académicas), bem como informação associada ao contexto militar (e.g., categoria do militar, número e locais de missões, local e período correspondente à última missão).

Guião de Entrevista Semiestruturada

“Entrevistas são conversas com agenda.”

(Daly, 2007, p.139)

A entrevista é um contexto de interação e relação que favorece a partilha de informação e que leva os entrevistados a contarem as suas histórias através de respostas a questões e temáticas previamente definidas. Este método qualitativo tem uma grande utilidade na recolha de informação, pela riqueza de conteúdos a que permite aceder, podendo variar desde um nível mínimo até um nível máximo de estruturação (Denzin & Lincoln, 2003; Moore, 2014).

Dada a natureza exploratória desta investigação e os objetivos previamente definidos, considera-se que a entrevista semiestruturada é o instrumento de recolha de dados privilegiado. Esta é habitualmente guiada por objetivos e questões gerais pré-definidas que acompanham o curso da comunicação e que permitem manter o foco na questão de investigação. Ainda assim, a organização dessas questões por blocos temáticos permite a existência de alguma flexibilidade na forma como os conteúdos e as vivências pessoais são captados, abrindo caminho para a reformulação, substituição e emergência de questões sempre que se considerar pertinente (Daly, 2007; Vuga & Juvan, 2013a).

No presente estudo foi utilizado um guião de entrevista semiestruturada⁴, construído para a investigação de Doutoramento suprarreferida em que este se insere, considerando sempre os objetivos formulados e os princípios propostos pela literatura sobre investigação qualitativa.

⁴ Uma vez que a investigação de Doutoramento supracitada ainda se encontra em curso, o guião não será apresentado na totalidade em Apêndice.

Este guião apresenta-se estruturado por temas gerais que correspondem aos três períodos centrais da missão, designadamente o Pré-deslocamento, o Deslocamento e o Pós-deslocamento. Cada um destes temas está organizado por blocos temáticos, tais como Família em Geral, Parentalidade e Conjugalidade, que são orientados por objetivos específicos. Estes objetivos concretizam-se em questões que guiam o decorrer da entrevista. Das temáticas presentes no guião, foram analisadas apenas as que se coadunavam com os objetivos desta investigação (Apêndice B).

Procedimento de Seleção e Recolha de Dados

A presente investigação caracteriza-se pela seleção de uma amostra de conveniência, sendo os sujeitos escolhidos em função de critérios relevantes para o fenómeno em estudo (Daly, 2007). Não se pretende a generalização de dados, mas pelo contrário uma compreensão mais profunda dos fenómenos característicos das famílias militares. Dadas as suas especificidades, designadamente o foco nos aspetos funcionais e relacionais da parentalidade em famílias militares, considerou-se como critérios de seleção: (1) pelo menos o elemento masculino do casal ser militar de profissão e ter participado, no mínimo, numa missão de paz internacional; (2) a existência de pelo menos um filho biológico desse casal. Desta forma, e no âmbito da investigação de Doutoramento, foram estabelecidos contactos com famílias que preenchessem estes critérios. No seguimento deste contacto e da aceitação da participação na investigação por parte dos cônjuges dos militares, os investigadores envolvidos agendaram uma data, hora e local para realização das entrevistas, tendo estas decorrido no domicílio ou local de trabalho das participantes, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa ou na Escola das Armas em Mafra. Durante a entrevista estava presente apenas um investigador e a participante entrevistada, procurando-se, sempre que possível, salas ou espaços silenciosos.

Previamente ao início da entrevista, procedia-se a uma primeira fase de contextualização e explicação dos objetivos do estudo, sendo simultaneamente garantida a confidencialidade e o anonimato das informações partilhadas. De seguida, as participantes liam e assinavam o consentimento informado (Apêndice C) e preenchiam o questionário sociodemográfico. Numa segunda fase informavam-se as participantes sobre a necessidade de reportarem à última missão em que os filhos tinham até 18 anos, independentemente da idade atual dos mesmos. Uma vez terminadas as questões, procedia-se ao agradecimento pela disponibilidade e participação. As entrevistas foram gravadas em formato áudio, mediante autorização prévia, apresentando uma duração média de 90 minutos.

Procedimento de Análise de Dados

As entrevistas realizadas foram transcritas na sua globalidade e posteriormente analisadas através do processo de Análise Temática. Este é um processo flexível e independente de uma moldura teórica ou epistemológica, adequando-se a uma investigação de natureza exploratória e descritiva como esta (Braun & Clarke, 2006). Permite, assim, identificar, analisar e descrever padrões. Esses padrões correspondem a temas, uma vez que representam algum nível de respostas padronizadas, representam um determinado significado no conjunto dos dados e identificam ideias implícitas e explícitas, mostrando-se relevantes para a investigação em curso. Uma vez identificados estes temas, seguiu-se o processo de codificação, através do qual se organizaram as unidades de significado em categorias específicas, sempre que se observava um dado padrão (Braun & Clarke, 2006). Esta organização alicerçou-se, por um lado em conceitos e fenómenos descritos previamente na literatura sobre o tema, e por outro na análise dos dados recolhidos através das entrevistas (Charmaz, 2006). A partir deste ponto, tornou-se possível construir uma árvore de categorias, constituída por categorias superiores, às quais estavam agregadas categorias inferiores. A árvore de categorias final é resultado de um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução da mesma, em função da necessidade de adaptação aos dados que foram surgindo da análise realizada. A verificação dos resultados e o acordo inter-juízes permitem assegurar a credibilidade e validade das análises realizadas.

Neste sentido, e tendo como referencial a questão de investigação inicial, considera-se que a codificação foi concretizada através de um processo abduativo, que integra a razão e a criatividade na procura da melhor explicação para os fenómenos em estudo (Daly, 2007). No fundo, analisou-se as narrativas dos participantes sobre a experiência vivida, procedeu-se à comparação com a dos restantes e, indutivamente, descreveram-se as experiências comuns. Paralelamente, procurou-se a comparação com outros fenómenos descritos na literatura como centrais para a temática em estudo, testando de forma dedutiva a relação entre os dados e a teoria. Este processo dinâmico, interativo e progressivo permitiu, assim, a criação de categorias para fazer face à questão e objetivos de investigação propostos. De forma a facilitar este processo de análise dos dados, recorreu-se ao *software* QSR NVivo 10 (Bazeley, 2007).

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A análise temática realizada às respostas das entrevistas resultaram em 94 categorias interrelacionadas e organizadas num sistema hierárquico (Apêndice D). Três categorias principais foram vistas como tendo maior potencial, considerando o objetivo do estudo:

- a) Fases da Missão nas quais o estudo se foca: Pré-deslocamento (período de tempo que vai desde o conhecimento da participação em missão, até à partida efetiva do militar para a mesma); Deslocamento (período de tempo em que o militar está geograficamente separado da família, iniciando-se com a partida do militar e terminando quando este regressa a casa); e Pós-deslocamento (que começa a partir do momento em que o militar regressa a casa e se prepara para reintegrar a vida familiar). A organização inicial da missão de acordo com estas três fases alicerçou-se na revisão das conceptualizações sobre o ciclo do deslocamento existentes na literatura (e.g., APA, 2007; Pincus et al., 2001; Van Breda, 1996). Não obstante, e procurando ser sensíveis às vivências e experiências das famílias militares, foi equacionada a possibilidade de subdivisão destas três fases em períodos mais específicos e concretos, a partir dos relatos das participantes. A experiência destas famílias surge associada a processos, desafios e transições particulares que se aproximam da proposta faseada realizada por Van Breda (1996). Desta forma, todas as fases foram organizadas em função de considerações mais gerais ao período em questão (pré-deslocamento em geral, deslocamento em geral e pós-deslocamento em geral) e em função de considerações mais específicas a cada uma delas (respetivamente, antecipação da perda; período seguinte à partida e antecipação do regresso; reintegração e renegociação; DeVoe & Ross, 2012; Van Breda, 1996). Os critérios de inclusão em cada uma das categorias foram, assim, a referência ao tema pelos participantes na entrevista ou na literatura revista.

- b) Evolução dos Processos Funcionais e Relacionais ao longo das fases da missão supramencionadas. Tendo como referência (*baseline*) a forma como se desenrolam estes processos antes da missão, procurou-se compreender como são mantidos ou alterados (aumentando, diminuindo ou mudando de forma geral) determinados processos, ao longo das várias fases.

c) Gestão da Parentalidade, designadamente o processo através do qual são geridos, coordenados e negociados os aspetos funcionais e relacionais da parentalidade. Por ser a principal categoria conceptual encontrada, de seguida será apresentada uma análise detalhada da mesma, tendo em consideração as fases da missão e a evolução dos processos alvo de análise.

De modo a fornecer informações acerca das experiências das participantes, recorrer-se-á à apresentação de excertos das próprias, aquando da explicação de cada categoria. Por motivos de confidencialidade dos respondentes serão utilizados pseudónimos.

Organização das Atividades Familiares

Da análise realizada surgiram três categorias principais, em função da natureza das atividades familiares, nomeadamente: rotinas diárias (50.9%), ocupação de tempos livres (43.4%) e realização de planos (5.7%).

Rotinas Diárias. Das 27 referências às rotinas do dia-a-dia, 19 dizem respeito a alterações e manutenções durante o deslocamento, 4 remetem para o pré-deslocamento e as restantes 4 apontam para o pós-deslocamento. Do discurso das participantes, destacam-se as seguintes rotinas: atividades extracurriculares do(s) filho(s), local de residência, organização das refeições e rotinas do sono.

Local de Residência. Uma das particularidades da vida militar surge associada à possibilidade dos cônjuges e filhos do membro militar se verem obrigados a deslocarem-se para cidades distantes daquela onde cresceram e viveram durante a infância. Esta mudança implica, necessariamente, uma separação (física) das principais fontes de segurança e de suporte, tais como a família alargada e os amigos próximos (Black, 1993). Talvez por este motivo, quando o militar se ausenta fisicamente, por participação em missão internacional, os cônjuges sintam necessidade de se deslocar para junto das suas principais figuras de suporte (Boulding, 1950; Paley et al., 2013). Tal parece estar associado ao facto de um dos principais vínculos da figura parental não-militar e dos filhos ficar indisponível (Vormbrock, 1993, cit. por Riggs & Cusimano, 2014), sendo equacionada a possibilidade de mudança temporária de residência. A disponibilidade de suporte funcional e emocional passa, assim, a ser superior (Paley et al., 2013), atenuando os efeitos adversos do deslocamento (Belsky, 1984).

Duas participantes referiram esta mudança como uma das principais alterações durante o deslocamento:

“A principal alteração foi a mudança de casa, não é? (...) portanto tínhamos lá a minha mãe e os meus sogros. (...) mudei porque nós quisemos (...) porque achei que estava ali mais protegida (...) e que passava o tempo mais depressa.” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

“(...) a primeira missão apanhou o Verão (...) para não estarmos aqui os três, como o pai ia embora, passámos em Lisboa na casa dos meus pais.” (Isabel, 66 anos, 2 filhos)

Ainda assim, e dado o carácter prolongado de algumas missões (Pincus et al., 2001), nem sempre é possível haver uma mobilização da família para as cidades de origem. Por um lado, as crianças podem frequentar a escola perto da sua localidade de residência e, por outro, os cônjuges podem ter uma atividade profissional que não lhes permita esta deslocação. Posto isto, muitas famílias lidam com a ausência do militar tentando ajustar e reorganizar as rotinas, de tal forma que o equilíbrio seja mantido (Riggs & Cusimano, 2014).

Atividades extracurriculares do(s) filho(s), como por exemplo os desportos praticados regularmente pelas crianças.

“Fazem as mesmas atividades, vai-se aos mesmos saraus, vai-se aos mesmos campeonatos. Tudo igual! (...) elas não notam diferença porque não deixam de fazer nada.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

A totalidade das referências (5) às atividades extracurriculares dos filhos está associada à sua manutenção durante o deslocamento em geral, o que sugere uma preocupação das figuras parentais em assegurar a continuação da prática das atividades que os filhos faziam regularmente antes da partida do militar. Tal é consistente com a ideia de que a manutenção das atividades das crianças pode contribuir para a diminuição do impacto negativo da ausência física de um elemento do sistema familiar (Mmari et al., 2009; Werner & Shannon, 2013). Ainda assim, nem sempre a figura parental não-militar consegue assegurar esta manutenção sozinha, acabando alguns elementos da sua rede de suporte por ter um papel importante no apoio e concretização das atividades.

“(...) Porque no dia em que eu ia com ele à nataçã, a ama dava banho ao bebé, dava jantar ao bebé e quando eu chegava da nataçã o bebé já estava tratado.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

Há autores (e.g., Chandra et al., 2010; Riggs & Cusimano, 2014) que consideram a família, os amigos e os elementos próximos da comunidade como figuras cruciais na assistência

em determinadas tarefas. Estes acabam por assumir os cuidados adicionais necessários, auxiliando a figura parental que fica, sempre que necessário (Belsky, 1984; Paley et al., 2013), e promovendo estratégias alternativas para lidar com o *stress* associado ao facto de ser o único prestador de cuidados disponível (Campbell-Sills et al., 2006).

Organização das Refeições. A forma como são organizados e geridos os momentos de refeição, ao longo das várias fases da missão, parece ter pouca expressão, sendo mencionado apenas por duas participantes. Ainda assim, e considerando os vários aspetos por elas focados, torna-se relevante discuti-los. Uma das participantes refere manter os horários das refeições durante o deslocamento, argumentando que:

“(…) A hora da refeição mantém-se, os horários aqui são militares! Janta-se às sete e meia e almoça-se ao meio dia e meia.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Tal parece estar relacionado com a necessidade de manter alguma consistência ao nível das rotinas das crianças, à semelhança do verificado ao nível das atividades extracurriculares. Ao serem preservados alguns aspetos da vida familiar, mesmo perante a ausência física do militar, as crianças conseguem ajustar-se melhor à experiência de deslocamento. Há a sensação de que tudo se mantém e de que a vida corre normalmente durante este período (Werner & Shannon, 2013), o que por sua vez facilita a adaptação e o equilíbrio familiar (Walsh, 2003). Todavia, nem todas as famílias se adaptam e reorganizam da mesma forma para fazer face à participação numa missão internacional, existindo alguma subjetividade no que concerne aos processos de reestruturação familiar (Creech et al., 2014; Dayton et al., 2014). Por conseguinte, outra participante refere duas alterações principais ao nível da organização dos momentos de refeição, sendo elas a gestão de notícias e o aumento das refeições realizadas em família.

“(…) Mas todos nós tínhamos o cuidado...ou jantávamos antes do telejornal ou se estivesse no telejornal, estava num canal que não fosse notícias. Foi uma maneira de a gente se proteger.” (Carolina, 47 anos, 2 filhos)

Estes dados são suportados pelos revistos na literatura, designadamente os de Mmari e colaboradores (2009) e de Werner e Shannon (2013), que apontam para a necessidade da família se proteger de preocupações adicionais, limitando a exposição a notícias durante a ausência do membro militar. Esta opção, sobretudo ao nível das refeições, parece partir do pressuposto de que as reportagens dos *media* podem dificultar a adaptação das famílias ao deslocamento, provocando mais *stress* e frustração. Assim, há autores que concluem que as famílias preferem assumir que o militar está em segurança e que, caso alguma coisa corresse mal, seriam

imediatamente informadas (Greene et al., 2010), optando por se manter alheias de informações que possam exacerbar os seus níveis de ansiedade e *stress*. Paralelamente, um outro fator que parece facilitar a adaptação familiar à missão é a realização de refeições em família antes da partida efetiva do militar (pré-deslocamento) e após o seu regresso (pós-deslocamento). Tal surge associado à necessidade de passar tempo de qualidade em família (Van Breda, 1996), disfrutando de momentos que habitualmente não são partilhados por todos os elementos e reforçando a identidade familiar.

“Uma coisa que nós passámos a fazer obrigatoriamente foi refeições todos juntos. (...) Porque era uma maneira de nós estarmos todos juntos e todos unidos! (...) Porque é o tempo que a família tem, praticamente, de se juntar e de estar predisposta a conversar.”
(Carolina, 47 anos, 2 filhos)

Rotina do Sono. Das sete referências a este tema, seis apontam para alterações durante o deslocamento em geral. Considerando que este aspeto da vida familiar assume maior expressão durante esta fase, torna-se pertinente refletir sobre as principais mudanças que ocorrem para fazer face à ausência física. As participantes referem a alteração do local onde as crianças dormem como uma das principais mudanças neste período:

“Por exemplo, à sexta-feira deixava o João dormir comigo...era o dia de ele dormir comigo quando o pai não estava cá.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

“(...) se eu puder tê-las comigo a noite toda, ficam comigo. Eu prefiro, do que estar sozinha e elas estarem sozinhas. (...) não interessa o sítio onde dormem, interessa que estejam bem...” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Por outro lado, os horários estipulados para as crianças dormirem também parecem sofrer algumas alterações. Existem várias razões possíveis para esta flexibilização dos horários de dormida. Ainda assim, e reforçando as conclusões do estudo de Werner e Shannon (2013), as nossas participantes justificam esta alteração com o aumento de responsabilidades e de tarefas durante o período de ausência do companheiro.

“As rotinas da casa ficaram meias ‘bah’, porque elas começaram a deitar-se um bocadinho mais tarde (...) porque eu tinha que ir dar banho e a seguir fazer a refeição.”
(Joana, 36 anos, 2 filhos)

Da análise da totalidade das referências às Rotinas diárias, conclui-se que a maioria reporta-se ao período do deslocamento (67.9%) e que surge associada a alterações. Ainda assim,

as atividades extracurriculares dos filhos parecem ser a exceção a esta fase, estando todas as referências associadas à manutenção das mesmas. Estes resultados poderão constituir mais uma evidência no sentido da manutenção da consistência, sobretudo no que refere à vida dos filhos, como possível facilitadora da adaptação à experiência do deslocamento. Neste contexto, acrescenta-se, ainda, que o recurso a fontes de suporte próximas pode estar positivamente associado ao “funcionamento da parentalidade” (Belsky, 1984).

Ocupação de Tempos Livres. A forma como as famílias organizam os seus tempos livres, antes, durante e após o deslocamento, pode estar associada a uma melhor ou pior adaptação à missão (Werner & Shannon, 2013). Posto isto, torna-se crucial debruçar a nossa análise sobre a forma como as atividades de lazer são organizadas nas famílias alvo de estudo. Todas as participantes mencionam as atividades de tempos livres nos seus discursos, estando estas sobretudo associadas à fase do deslocamento em geral (16 referências). Com menor expressão, mas ainda assim relevante, temos as referências ao pré-deslocamento em geral (4 referências) e ao período de reintegração e renegociação (3 referências).

Shaw & Dawson (2001) definem as atividades de ocupação de tempos livres como atividades de lazer intencionas, no sentido em que são planeadas e executadas pelos pais para atingir determinados objetivos a curto e longo-prazo. Esta visão permite compreender como estas atividades podem funcionar como mecanismos de *coping* que lhes permite manterem-se distraídos e desfrutarem de momentos divertidos, durante a ausência do militar (Werner & Shannon, 2013).

“(…) saímos muito e é uma coisa que ela diz ao pai. E diz-me a mim: ‘Oh mamã, isto quando o pai está em missões, passeamos tanto!’ Porque eu também ficar o dia inteiro em casa...não sei, talvez seja uma forma de não pensar.” (Rita, 37 anos, 2 filhos)

“(…) aos fins-de-semana ia com ele ao cinema, ia com ele jogar futebol...ou seja, ao fim-de-semana tinha sempre atividades para ele, para a gente esparecer, não estarmos ali em casa.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

A partilha destes momentos facilita uma interação positiva entre os vários membros da família (Shaw & Dawson, 2001), o que por sua vez contribui para amortecer os efeitos adversos do deslocamento (Lieberman & Van Horn, 2013; Werner & Shannon, 2013). Concomitantemente, algumas participantes referem os programas realizados com os amigos e com a família alargada como forma de distração durante este período particularmente

desafiante: “(...) e passámos a ir mais vezes jantar a casa dos amigos mais próximos e eles a virem cá a casa, mesmo não estando um dos elementos.” (Carolina, 66 anos, 2 filhos)

Não obstante, algumas participantes referem ter dificuldade em proporcionar momentos de descontração e de lazer durante a ausência do companheiro. Estes relatos apontam para dois aspetos centrais da diminuição das atividades de ocupação de tempos livres. Por um lado, o aumento de responsabilidades da figura parental não-militar parece ter um papel importante, uma vez que, ao ficar com as responsabilidades que antes eram partilhadas, fica sobrecarregada e dificilmente consegue manter todas as atividades familiares. Por outro, a ausência do militar pode trazer algum desconforto sempre que há saídas e programas familiares. A segurança e bem-estar que este traz aos restantes elementos da família faz com que, na inevitabilidade da sua ausência, alguns passeios ou saídas sejam adiadas.

“(...) a Leonor andou menos de bicicleta, normalmente o pai ia andar com ela e eu ficava com a pequenina. (...) se calhar fizemos menos um bocadinho de tudo, porque eu tinha que ir com as duas.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

“Saímos menos. Enquanto que com o pai saímos mais, porque nos sentimos seguras, sem o pai saímos muito menos. (...) O pai é mais atento e eu sinto-me mais confiante com ele.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Realização de Planos de atividades a serem concretizadas aquando da chegada do militar. Apenas três participantes mencionam estes planos como uma das atividades realizadas, sendo possível constatar que uma delas é também uma das que refere a diminuição das atividades de lazer durante o deslocamento. Tal relação mostra-se pertinente de ser enfatizada, por estar diretamente relacionada com a necessidade de planeamento de programas a realizar após a chegada do militar, com o intuito de colmatar a diminuição dos mesmos durante o deslocamento. A fase associada a este tipo de atividades familiares é a antecipação do regresso, em que a perceção de regresso iminente leva as famílias a pensarem em formas importantes de reintegrar o militar (Van Breda, 1996).

“(...) Só fazemos planos. Planos para quando o pai chegar: ‘Vamos fazer isto, vamos fazer aquilo’. Organizamos passeios, vamos fazer coisas que não fazíamos...como saíamos menos, guardamos tudo para quando o pai chega.” (Ana, 48 anos, 4 filhos)

Gestão de Responsabilidades

A forma como o casal parental gere as responsabilidades relacionadas com os filhos pode ser considerada um aspeto importante quando se procura compreender de que forma estes

“partilham a parentalidade” (McHale, 2007). Na prática, não se trata apenas de perceber quem é responsável por que tarefa, mas também de alcançar o processo através do qual o casal parental toma decisões e chega a um acordo mútuo sobre quem as assumirá (Minuchin, 1974, cit. por McHale, 2007). No caso particular das famílias militares, estes processos e relações assumem contornos específicos. As missões internacionais, ao implicarem a ausência física de um elemento do casal parental, exigem frequentemente que a família (re)negoceie e coordene responsabilidades e tarefas parentais, procurando manter o equilíbrio e o bem-estar psicológico das crianças (Lester & Flake, 2013).

Da análise do discurso das participantes surgiram duas categorias principais, estando uma delas associada à forma como são geridas as responsabilidades individuais (72%) e a outra associada à forma como são geridas as responsabilidades partilhadas (28%). Tal divisão surgiu da necessidade de espelhar a evolução que esta gestão vai sofrendo ao longo das várias fases de uma missão internacional. Porém, uma análise paralela e complementar de ambas revela-se mais informativa e enriquecedora.

Posto isto, as responsabilidades individuais assumem maior expressão quando associadas à fase do deslocamento em geral (12 referências do total de 18), sendo claro que em termos de evolução se assiste a um aumento durante esse mesmo período (10 referências do total das 12).

“Aquele parte das tarefas que são partilhadas acabam por ficar só da responsabilidade de uma pessoa.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

“Desde que ele esteja em casa, é ele que lhes dá o banho, é ele que os veste, é ele que faz a comida, é ele que faz tudo em casa! Então a ausência dele torna-se muito pesada para mim, porque eu passo a fazer aquilo que normalmente no meu dia-a-dia não faço...” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

“Tudo, desde...toda a gestão doméstica. Buscar crianças, pôr crianças, crianças ao médico, escolas, as duas escolas, lidar com as professoras, a casa. Tarefas da casa, todas minhas.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

Estes resultados vão ao encontro das principais considerações existentes na literatura sobre o aumento de responsabilidades do elemento do casal parental não-militar, durante o deslocamento (e.g., DeVoe & Ross, 2012; Lara-Cinisomo et al., 2012; Paley et al., 2013; Riggs & Cusimano, 2014; Van Breda, 1996; Werner & Shannon, 2013). A perda de suporte nas tarefas diárias parece ser uma das questões centrais durante esta fase, traduzindo-se na sobrecarga da figura parental não-militar que agora se vê como o único elemento responsável (Riggs &

Cusimano, 2014). Por sua vez, o pós-deslocamento surge associado à manutenção das responsabilidades individuais de cada um (comparativamente ao antes da missão), ou à diminuição das responsabilidades da participante (quando a chegada do militar é acompanhada da sua sobrecarga ao nível das tarefas familiares).

“Eu quando o pai chega descontraio um bocadinho e torna-se pesado para ele.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

Paralela e complementarmente, as participantes referem esta fase como a altura em que algumas responsabilidades voltam a ser partilhadas pelos dois elementos do casal. Algumas são imediatamente partilhadas e (re)negociadas (correspondendo ao período de reintegração), enquanto outras demoram algum tempo a voltar à rotina (correspondendo ao pós-deslocamento em geral).

“Para já, é passar as tarefas que estão a mais, passá-las logo. Cortar a relva...Essas tarefas...dar comida ao cão. (...) acabamos por depois redistribuir as tarefas.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

“Ir buscar...se for preciso participar em alguma aula de ginástica...ou de outra coisa qualquer. Cabe-lhe a ele. Ele volta a fazer as mesmas coisas...não é difícil ele voltar às mesmas coisas!” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Desta forma, torna-se possível perceber como as responsabilidades individuais aumentam durante o período de ausência física do militar, já que este não consegue prestar suporte funcional (e.g., ajudar nas tarefas domésticas, apoiar na prestação de cuidados às crianças), e diminuem com o seu regresso (pós-deslocamento), uma vez que parte delas acabam por voltar a ser partilhadas pelos dois elementos do casal parental.

(Processos de) Tomada de decisão

A forma como os vários elementos da família colaboram e se suportam é um dos aspetos fulcrais da relação pais-filhos, acabando os processos de tomada de decisão por assumir um lugar de destaque na gestão da vida familiar e, em particular, da vida dos filhos (McHale et al., 2002). Os nossos resultados sublinham esta assunção no que concerne às famílias militares, sendo este um dos temas referidos pelas participantes como especialmente importante no pré-deslocamento e no deslocamento. A respeito das nove referências a este tema, torna-se relevante salientar que algumas se encontram associadas a decisões do casal parental (e.g., decisão de mudança de residência no pré-deslocamento, continuação da tomada de decisão conjunta

durante o deslocamento) e outras estão relacionadas com decisões dos filhos (e.g., assumirem a responsabilidade de algumas decisões durante a ausência do militar). Contrariamente aos resultados obtidos por Werner e Shannon (2013), as participantes do nosso estudo não encaram a tomada de decisão como responsabilidade adicional durante o deslocamento, justificando a manutenção com a utilização dos meios de comunicação como principal facilitador:

“Nós sempre partilhámos as decisões, apesar da distância, porque hoje em dia com os meios de comunicação nós praticamente todos os dias falávamos ou por *Skype* ou por telefone. Portanto, nesse aspeto, é bom porque se houvesse alguma decisão importante a tomar sempre tomámos juntos.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos).

Nesta sequência, e tendo presente os principais resultados obtidos quanto à gestão de responsabilidades e ao processo de tomada de decisão, parece adequado ponderar a possibilidade dos *preparativos para a missão* funcionarem como veículo no processo de adaptação a esta experiência. No pré-deslocamento a família começa a antecipar e planear possíveis reestruturações que serão inevitáveis com a partida do militar (Pincus et al., 2001; Van Breda, 1996), acabando por haver uma preocupação com a preparação de possíveis alterações e com tomadas de decisão familiares:

“E depois conversámos sobre isso, antes de ele partir. (...) resolvemos que eu ia esses quatro meses para a minha mãe. (...) Foi a melhor decisão que tomámos...foi eu ir para a minha mãe. Se acontecesse alguma coisa, se ela adoecesse, se eu adoecesse. Se acontecesse alguma coisa, era esse o medo dele e por isso é que tomámos essa decisão, tínhamos alguma segurança.” (Maria, 32 anos, 2 filhos).

Relação Pai-Filho(s)

Envolvimento do Pai. A revisão de literatura sobre a relação entre o envolvimento parental e o desenvolvimento e bem-estar dos filhos permite encontrar modelos conceptuais (e.g., Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987; Palkovitz, 1997) que focam diferentes componentes como sendo essenciais. Nesta investigação considera-se como referência o modelo de Palkovitz (1997), que conceptualiza o envolvimento parental, especificamente na relação pai-filho, como um constructo multidimensional que abarca diferentes formas de envolvimento alternativas à presença e interação física. Tal parece mais compreensivo quando procuramos aceder às especificidades destas famílias militares, uma vez que não se exclui a possibilidade de manutenção do envolvimento na vida familiar (e especificamente na vida dos filhos), mesmo perante uma separação física (Palkovitz, 1997).

De acordo com os resultados do presente estudo, 72% das referências a esta categoria remetem para a manutenção do envolvimento do pai militar durante e após o deslocamento, e 28% das referências estão associadas a alterações (que se traduzem no aumento ou diminuição) do envolvimento do pai ao longo das três fases da missão. Duas categorias principais emergiram, em função do contexto e atividades específicas em que esse envolvimento se concretiza, nomeadamente no quotidiano dos filhos (55.6%) e na vida familiar (44.4%).

Quotidiano do(s) filho(s). Sete participantes referiram o envolvimento do pai no quotidiano dos filhos como um aspeto importante na adaptação da família, resultando num total de 15 referências ao tema. Para uma análise mais compreensiva dos resultados parece essencial refletir sobre a forma como este envolvimento evolui ao longo das várias fases da missão.

Assim sendo, as participantes relatam o aumento do envolvimento do pai militar durante o pré-deslocamento em geral (2 referências), explicando a sua associação à antecipação da ausência:

“Se calhar o que aconteceu é que, como ele ia embora, ele dava mais os banhos e eu ia para a cozinha para ele estar mais tempo com elas. Se calhar fazemos isso mais vezes, inconscientemente, mas sabendo que era por essa razão, para ele aproveitá-las mais.”

(Joana, 36 anos, 3 filhos)

Também outros autores (e.g., Willerton et al., 2011) encontraram uma associação entre o aumento do envolvimento do pai e a fase do pré-deslocamento, concluindo que a antecipação da sua ausência estava frequentemente associada à necessidade de passar mais tempo de qualidade com os filhos. Este aumento do envolvimento concretiza-se, por exemplo, na assunção de mais tarefas relacionadas com a prestação de cuidados e na participação em atividades do interesse das crianças. Assim, e de acordo com o postulado por Palkovitz (1997), estamos no campo do *envolvimento comportamental*, sendo possível observar uma interação direta entre o pai e o filho, em atividades concretas. Já durante o deslocamento, os resultados parecem indicar a manutenção (7 referências) ou o aumento (1 referência) do envolvimento do pai militar.

“E eles diziam ao pai o que é que tinham feito, o que é que não tinham feito, o pai também perguntava ‘O que é que almoçaste? O que é que jantaste?’ (...) Tipo relatório.”

(Carolina, 47 anos, 2 filhos)

“(…) Aliás, o pai participa imenso na vida familiar na mesma. (...) E ele ajuda nos trabalhos escolares...o que for preciso. Elas mandam, ‘Papá, faz-me isto’, ‘Papá, ajuda-

me aqui porque que tenho estes três!’ E ele ajuda e diz ‘Manda-me esse problema que o papá faz’.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

“(…) eu tinha a minha rotina normal, eu tenho a minha casa. Ele é que não tem nada e aí sente. Então quando está lá é mais próximo até das filhas (...). Dá valor a pequenos pormenores (...). Aquilo que ele não faz cá, faz quando está lá, acaba por ser mais presente lá do que cá.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

Os relatos supracitados são, mais uma vez, concordantes com os pressupostos teóricos de Palkovitz (1997), no sentido em que se considera a possibilidade de existirem formas alternativas à interação física para manter (ou aumentar) o envolvimento do pai, mesmo perante a separação física. Nos relatos das participantes identificámos duas formas de envolvimento diferentes, designadamente o *envolvimento cognitivo* e o *comportamental*. Por um lado, há militares que mantêm o interesse pela vida e rotinas dos filhos, questionando o que estes fizeram durante o dia e procurado estar a par das novidades. Esta monitorização e controlo são encarados como uma forma de envolvimento cognitivo, uma vez que são utilizadas estratégias que permitem supervisionar os comportamentos dos filhos e manter o conhecimento das suas rotinas. Por outro, há militares que concretizam o seu envolvimento participando em atividades específicas, como ensinar, rever e prestar apoio na realização dos trabalhos da escola. Este envolvimento é do tipo comportamental, existindo interação direta entre o pai e os filhos, numa atividade concreta e adaptada às suas idades (Palkovitz, 1997; Willerton et al., 2011).

Por último, três participantes referiram também a forma como o pai se envolve no quotidiano dos filhos no pós-deslocamento. Um resultado curioso surge associado ao relato de uma participante que identifica claramente a evolução deste envolvimento ao longo desta fase: descreve o aumento no período de reintegração e renegociação e a manutenção no período seguinte (identificado como pós-deslocamento em geral).

“Então ele teve ali aquela semaninha que ele a foi levar à escola, a foi buscar...Essas pequenas coisas que ele não costuma fazer muito (...) para ela foi uma satisfação.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

“Depois há logo aquela fase que cria aquela distância outra vez e segue a vida dele.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

Este aumento do envolvimento, especialmente no que concerne à participação nas rotinas diárias, pode funcionar como recuperação de tempo perdido e como forma de restabelecer o envolvimento afetivo (Willerton et al., 2011). Ainda assim, a sua duração pode

ser limitada no tempo. Após a fase inicial de adaptação e reintegração do militar, a tendência é para a estabilização e para o regresso aos padrões habituais de interação (Van Breda, 1996).

Vida familiar. Para além da consideração do envolvimento do pai no quotidiano dos filhos, as participantes consideram também o envolvimento nas várias áreas da vida familiar como um aspeto importante. Neste sentido, seis das 12 referências a esta categoria parecem indicar a manutenção do envolvimento e da participação do militar durante a fase do deslocamento.

“Os aniversários... Nós pomos o computador e o papá participa e canta os parabéns na mesma! Só não sopra as velas e não ajuda.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

“Nós jantávamos os quatro à mesa, só que com o pai era com o portátil em cima da mesa. Portanto, acabava por estar sempre presente.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

Por conseguinte, não só estes relatos espelham a manutenção do envolvimento do pai militar em vários aspetos da vida familiar (e.g., celebração de datas festivas; rotinas diárias; conhecimento de decisões), como também fornecem pistas pertinentes para um dos possíveis recursos utilizados para assegurar essa manutenção. A comunicação frequente através dos meios disponíveis (e.g., videoconferência) funciona, assim, como um recurso valioso, dando a sensação de presença e proximidade e, conseqüentemente, facilitando as interações e adaptação familiar à experiência de deslocamento (Lester & Flake, 2013; Lieberman & Van Horn, 2013; Willerton et al., 2011).

Perda de eventos importantes. Um dos principais desafios da participação numa missão internacional parece ser a perda de eventos e acontecimentos familiares importantes, durante o deslocamento. Recentemente, Walsh e colaboradores (2014) concluíram que este era um dos aspetos negativos frequentemente mencionado pelos militares, havendo um foco na perda do desenvolvimento e crescimento dos filhos. Os resultados do nosso estudo são concordantes com estas conclusões, uma vez que as participantes consideram que uma das principais conseqüências negativas do deslocamento está associada à perda de transições importantes pelas quais os filhos passam.

“O Miguel quando a viu: ‘ii pá... parece que está *bueda* grande!!’ (...) Eu fui-lhe mostrar ‘Olha lá estas calças estavam tão compridas quando te foste embora e agora já lhe ficam pequeninas’. (...) eu presenciava mais essas coisas (...) ele infelizmente perdeu-as.” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Paralelamente, há resultados que apontam para a perda de acontecimentos específicos, tais como festas de aniversário e festas religiosas, o que também é suportado por resultados de investigações anteriores (e.g., Mmari et al., 2009; Newby, 2005). Estas datas comemorativas assumem uma carga emocional forte e envolvem aspetos culturais particulares, acabando a ausência de um elemento importante por ter efeitos adversos. Esta pode ser encarada com alguma tristeza e revolta pelo militar (Mmari et al., 2009), levando-o a sentir um grande desejo de voltar atrás no tempo para reviver acontecimentos (Walsh et al., 2014).

“Tanto que eu acho que é uma coisa que ele nunca se perdoa é não ter passado o aniversário dela...mas pronto...é a vida...” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Ainda assim, atualmente, os meios de comunicação podem ser um recurso valioso, sobretudo os meios visuais, uma vez que oferecem a possibilidade destes acontecimentos serem partilhados em tempo real (Laser & Stephens, 2011). Pincus e colaboradores (2001) enfatizam esta conclusão ao considerarem que o contacto com a família em eventos familiares importantes pode ser uma experiência estabilizadora e facilitar a adaptação à experiência de separação.

“(...) mais o aniversário dela que ele não passou, não é? E ela sentiu...tanto que nós depois levámos o *Skype*, o computador para cantarmos os parabéns.” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Dificuldade no estabelecimento de relação. São vários os autores que se têm debruçado sobre os principais desafios à reintegração do militar no sistema familiar após o regresso de uma missão, concluindo que o (re)estabelecimento da relação pai-filho(s) é um dos que assume maior relevo (e.g., Bowling & Sherman, 2008; DeVoe & Ross, 2012; Walsh et al., 2014). No nosso estudo, apenas uma participante refere esta dificuldade, contudo, a sua importância ao nível da literatura leva-nos a ponderar a possibilidade da singularidade deste resultado estar associada: ao número reduzido de participantes que não permite atingir saturação teórica em algumas categorias; a uma tendência crescente para a manutenção do envolvimento da figura parental militar durante o deslocamento (Schachman, 2010 cit. por Willerton et al., 2011) que, consequentemente, dilui esta dificuldade aquando do regresso; a um sistema de vinculação segura que funciona como mecanismo protetor, permitindo uma maior flexibilidade na adaptação à ausência e regresso de uma figura parental (Riggs & Cusimano, 2014; Riggs & Riggs, 2011); e/ou à idade do filho, uma vez que tratando-se de um bebé será mais difícil que esta vinculação já estivesse estabelecida aquando da partida do pai.

“Aí foi a primeira missão que nós tivemos impactos! Foi o facto de ter um filho com um mês! (...) Ele foi para a missão e quando ele veio parecia que ainda estava naquele ponto em que ainda não tínhamos o filho! (...) essa foi a missão que eu senti que ele ao regressar não se conseguiu adaptar de imediato.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

Dado o carácter prolongado de algumas missões internacionais é possível o militar partir em missão durante a gravidez da esposa e regressar após o nascimento do filho. Tal transição pode levar a dificuldades específicas durante o período de reintegração, uma vez que se torna imperativa a adaptação do militar a novas dinâmicas, interações e comportamentos parentais (Dayton et al., 2014). Neste caso particular, o militar estava em missão quando a família passou por esta transição, acabando por não ter oportunidade de vivenciá-la. Em parte, esta perda pode ter levado a uma dificuldade no estabelecimento da relação pai-filho, que se traduziu na sensação de que o tempo “parou” no antes da partida.

Relação Mãe-Filho(s)

Dos relatos das participantes emergiram 11 dimensões que, por serem transversais a vários discursos ou por serem alvo de considerações ao nível da literatura revista, foram consideradas como particularmente importantes ao longo das várias fases de uma missão internacional. Num total de 45 referências temos: nove referências codificadas em *proximidade e força da relação*; sete em *disponibilidade física e emocional*; seis em *atenção a necessidades dos filhos*; cinco em *gestão de questões e preocupações associadas à missão*⁵; cinco em *resposta face às reações e comportamentos dos filhos*; quatro em *expressão de afeto*; quatro em *movimentos de compensação*; quatro em *tolerância*; duas em *exigência*; uma em *dependência da relação*; e uma em *supervisão de comportamentos*. São, aqui, analisados e discutidos os resultados destas dimensões considerando que todas estão interrelacionadas.

Proximidade e força da relação. Das nove referências à proximidade e força da relação, oito estão associadas ao aumento durante a fase do deslocamento.

“(…) Claro que nós notamos que eles depois acabam por ter só um dos pais, acabam por se agarrar um bocado mais, mas eu acho isso normal.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

“(…) tornaram-se muito mais próximos de mim e tudo, do que aquilo que é normal.”
(Carolina, 47 anos, 2 filhos)

⁵ Optar-se-á pela descrição desta categoria aquando da apresentação do tema *preparação dos filho(s) para a missão*. Tal opção parece mais adequada, uma vez que três das cinco referências à *gestão de questões e preocupações do(s) filho(s)* foram também consideradas como formas de preparação dos filhos para a missão.

De acordo com DeCarvalho e Whealin (2012), a natureza desafiadora do deslocamento pode levar ao afastamento dos vários elementos da família, mas por outro lado pode contribuir para o fortalecimento de laços familiares e para a solidificação de relações. Os nossos resultados são concordantes com este último pressuposto, no sentido em que as participantes relatam um aumento da proximidade e da força da relação durante a ausência da figura parental militar. Mais concretamente, ao existir apenas uma figura de vinculação fisicamente disponível, naturalmente que esta assumirá um papel central ao nível dos padrões de vinculação da criança (Cardoso & Veríssimo, 2013). Tal pode desencadear uma dependência da relação dos filhos em relação a este cuidador. Apenas uma participante refere este aspeto da relação, ainda assim parece relevante ponderá-lo no contexto deste aumento de proximidade. No fundo, estas considerações levam a crer que a disponibilidade parental assume uma posição central quando se reflete sobre os fatores que facilitam a adaptação à missão (Riggs & Riggs, 2011).

Disponibilidade física e emocional e Atenção a necessidades dos filhos. Os resultados obtidos no que respeita a estas duas dimensões da relação serão apresentados em simultâneo, por se assumir que ambas estão associadas à responsividade parental e que são centrais para a autorregulação e gestão que as crianças fazem de situações potencialmente stressantes (Belsky, 1984; Bugental & Grusec, 2006). A maioria das referências a estas duas dimensões encontra-se associada à fase do deslocamento, sendo também claro que durante esse período se assiste ao aumento ou manutenção de ambas:

Disponibilidade física e emocional: “(...) quando ele não está eu acabo por ter muito mais disponibilidade para as minhas filhas (...). Neste aspeto acaba por ter o seu lado positivo.” (Rita, 37 anos, 2 filhos)

Atenção a necessidades dos filhos: “Se eu souber que ela não está bem, está mais triste naquele dia e eu sei que não há razão nenhuma para estar... (...) peço à minha mãe: ‘Olha vai lá dentro que ela hoje está um bocadinho triste’ (...). Estas coisas percebem-se.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Apenas uma participante refere a diminuição da atenção às necessidades dos filhos durante o deslocamento. Ainda assim, considera-se pertinente compreender este resultado enquadrando-o no contexto do aumento das responsabilidades diárias, que acabam por “competir” com os filhos pela atenção desta figura parental (Lowe et al., 2012):

“Sim, esquecia-me de muitas coisas... Tinha que a educadora me dizer ‘Olhe que ela já veio duas vezes de saia para a aula de ginástica’ (...). Eu escrevo tudo, mas mesmo escrevendo houve ali coisas que me passavam porque eram muitas coisas.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

Resposta face a reações e comportamentos dos filhos, que diz respeito ao conjunto de comportamentos parentais que surgem em resposta a determinadas reações e comportamentos dos filhos. A totalidade das referências (5) remetem para as respostas destas figuras parentais durante o deslocamento.

“Houve assim uns xixis nas camas, essas coisas (...) Pronto, eu consegui lidar com isso e saber o que é que era, avisei na escola ‘Professora Sara, o pai vai embora, gostava que tivessem mais atentas’... Eu avisei até a professora da piscina.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

Em parte, e à semelhança das evidências encontradas por outros investigadores (e.g., Huebner et al., 2007; Palmer, 2008), estas respostas parentais podem ser influenciadas negativamente pelo estado emocional da figura parental não-militar, podendo o discurso de algumas participantes ser uma pista neste sentido:

“Eu estou muito mais nervosa! Muito mais nervosa! O João ia para a escola todos os dias e já tinha apanhado uma palmada ou duas ou uma estalada. (...) É a grande diferença.” (Nádia, 38 anos, 2 filhos)

Expressão de Afeto através do uso de expressões emocionais, como por exemplo abraçar, beijar e verbalizar o quanto se ama a criança (Locke & Prinz, 2002). Quatro participantes referem esta dimensão da relação mãe-filhos como não sofrendo quaisquer alterações durante a missão e, mais especificamente, durante a ausência da figura parental militar.

“O carinho é o mesmo, a atenção é a mesma, os beijinhos são os mesmos...se elas hoje estiverem tristes eu agarro-me a elas e dou um beijinho. A mesma coisa se eu souber que ela está triste e o pai não está, faço a mesma coisa.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Movimentos de Compensação. Duas participantes referem os movimentos de compensação como uma forma de lidar com a ausência do militar. Embora não assumam muita expressão, parece pertinente pensar na possibilidade de aprofundamento futuro desta característica particular da relação:

“Portanto, acho que nos compensámos um bocadinho (...) Compensava-a de outras maneiras...se calhar ia-lhe comprar uma roupinha, que se calhar não precisava, ou um brinquedo que se calhar não precisava...mas também para a compensar um bocadinho.”
(Maria, 32 anos, 2 filhos)

Outras duas dimensões emergentes dos discursos das participantes estão associadas à Tolerância e à Exigência da figura parental não-militar ao longo das fases da missão.

“(...) acho que tudo o que ela fazia nós tentávamos dar sempre desculpa: ‘Ah coitadinha...ela está a sofrer e está o pai ausente’. Então é sempre desculpa, qualquer besteira ou asneira que ela fazia era ‘Ah deixa lá é o pai...ela sente falta do pai’.” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

“Sempre que há missões, as minhas filhas...Não digo que seja uma selva, não é? Mas não há essa rigidez, entre aspas, de horários e de funções. (...) entretanto quando ele não está, estas regras não são seguidas tão à risca. (Rita, 37 anos, 2 filhos)

A partir dos relatos supramencionados é possível compreender como o aumento da tolerância está sobretudo associado à condescendência face a comportamentos desadequados das crianças, enquanto a diminuição da exigência implica a flexibilização da disciplina e regras habitualmente existentes. Não obstante estas diferenças particulares, é possível identificar uma tendência geral para flexibilizar algumas regras relacionadas com a educação e rotinas diárias das crianças. Tal pode estar associado ao facto de ser mais fácil para esta figura parental ter estes aspetos menos controlados durante um período particularmente exigente e/ou por considerar que a criança já está a passar por uma situação ansiogénica ao estar longe do pai militar (Paley et al., 2013).

Supervisão de comportamentos. A monitorização parental diz respeito a um conjunto de comportamentos que visam supervisionar a criança nas suas atividades, de tal forma que a sua segurança seja mantida (McMahon, 1998, cit. por Crouter & Head, 2002). Apenas uma participante menciona a supervisão de comportamentos como uma questão importante durante a missão. O resultado obtido diz respeito ao aumento da supervisão durante o deslocamento, não sendo consistente com os dados encontrados na literatura, que habitualmente identificam a diminuição da supervisão durante este período (Lowe et al., 2012)

Preparação do(s) filho(s) para a missão

De acordo com Walsh (2003), os padrões de comunicação (e.g., clareza da informação partilhada) são um dos principais mediadores da adaptação familiar a uma experiência potencialmente geradora de *stress*. Neste sentido, importa pensar nos benefícios que a comunicação – particularmente sob a forma de preparação dos filhos para as várias fases da missão – pode ter no contexto das famílias militares. Esta preparação surge sobretudo associada ao pré-deslocamento em geral (5 referências), havendo, também, uma participante que refere a necessidade de o fazer apenas na fase de antecipação da partida, com o objetivo de não prolongar a ansiedade.

“(…) depois até explorámos, fomos ver ao Google onde é que era Timor, fomos à internet ver as crianças de Timor, como é, porque é que o país era um país novo e precisava. Pronto foi muito, muito explicadinho.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

Este relato reflete a partilha do contexto em que a missão ocorrerá e o esclarecimento das dúvidas dos filhos como forma de os preparar e antecipar para a ausência de uma figura de referência, no pré-deslocamento. Tal revela-se consistente com os pressupostos de Saltzman e colaboradores (2013), no sentido em que se procura a co-construção do sentido da missão com as crianças, criando condições para a compreensão do “porquê” da partida do pai militar. Concomitantemente, as participantes mencionam o deslocamento, e particularmente a fase de antecipação do regresso do militar, como um período importante para preparar os filhos para o regresso do pai. À semelhança do postulado por DeVoe e Ross (2012) esta preparação e gestão do regresso pode ser importante para facilitar a reintegração da figura parental militar:

“Tem que haver uma preparação porque ela já estava há algum tempo sem ver o pai e de repente caía-lhe o pai de para-quedas...” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Ainda nesta fase, existem duas participantes que associam a preparação dos filhos para a missão à *gestão de questões e preocupações do(s) filho(s)*, uma vez que a preparação acaba por ser feita através da gestão de questões que os filhos colocam:

“Mas o papá vem de avião?’, ‘Vem, vem e não sei quê...’, ‘E nós vamos ver o pai a sair do avião?’, ‘Não filha, não vais ver, mas depois estás lá no aeroporto onde estão os aviões todos para vermos o papá.’” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Afastamento Intencional

O afastamento intencional de uma figura parental assume contornos particulares em função da figura parental em relação à qual o afastamento se reporta: afastamento mãe-filho(s) (7 referências) ou afastamento pai-filho(s) (2 referências).

Afastamento mãe-filho(s). Nas palavras das participantes, este afastamento surge como tentativa de “dar espaço ao pai” antes e após o deslocamento. Este tema assume maior expressão sobretudo ao nível do pós-deslocamento e surge como forma de facilitar o processo de reintegração do militar. Tal comportamento pode funcionar como organizador das dinâmicas familiares, espelhando a colaboração e suporte essenciais a uma parentalidade harmoniosa e positivamente associada ao bem-estar dos filhos (McHale, 2007).

“E aí sim, deixava espaço para o pai estar presente na vida da filha (...). Tinha que recompensá-la de todo o tempo que esteve ausente...” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

“(...) então achei que ele precisava do tempo dele e para estar também com as miúdas sozinho, voltar a estabelecer a relação.” (Joana, 36 anos, 2 filhos)

“Mas como digo, faço questão quando ele chega de missão, conscientemente afastar-me e dou-lhe todo o espaço para que ele possa cuidar. Sinto que ele gosta e que lhe faz bem esta proximidade com as filhas.” (Rita, 37 anos, 2 filhos)

Afastamento pai-filho(s). Apenas uma participante fala do afastamento do militar em relação aos filhos, associando-o ao pré-deslocamento. Não obstante, parece ser um resultado consistente com uma das principais características desta fase, nomeadamente o afastamento físico e emocional como forma de antecipação da separação (DeVoe & Ross, 2012; Van Breda, 1996). Já anteriormente, Willerton e colaboradores (2011) tinham concluído que o afastamento durante este período era descrito pelo militar como uma forma de se desconectar emocionalmente, protegendo a família de potenciais sentimentos negativos associados à sua partida. De acordo com o modelo de Van Breda (1996), este afastamento é característico dos últimos dias que antecedem a partida do militar. Ainda assim, a nossa participante fala desta alteração como sendo transversal a todo o pré-deslocamento:

“(...) pronto já sei como é que é, já o conheço, mas ele afasta-se nesta fase (...). Até ao último minuto, afasta-se. (...) ele tentou estar com elas, mas ao mesmo tempo estar afastado, para que elas não criassem mais laços e não ficassem com mais saudades, julgo que é isso que ele faz.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

Reações do(s) filho(s) face à missão

Todas as participantes identificam reações dos filhos face à missão, resultando num total de 32 referências ao tema. As reações mais frequentes, independentemente da fase da missão a que se referem, são: choro (nove referências), saudade (oito referências), ansiedade (quatro referências), evitamento (quatro referências), tristeza (três referências), sentimento de abandono (duas referências), isolamento (duas referências) e chamada de atenção (duas referências). Uma análise mais detalhada permite associar algumas destas reações a períodos específicos. O deslocamento surge como a fase em que mais reações podem ser identificadas (78.1%), seguido do pré (14.6%) e do pós-deslocamento (7.3%). Como exemplo de reações associadas ao pré-deslocamento em geral temos o Choro e o Isolamento, por antecipação da perda de uma figura importante:

“Eu penso que ela está bem e só me apercebo que ela está mal quando eu falo de qualquer coisa e ela começa a chorar.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

“Ela cria distância, a maneira dela de se defender é criar distância.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

Como exemplo de reações associadas ao deslocamento em geral temos a Saudade e o Evitamento:

“(…) na última missão recordo-me, porque ela acabava de falar com o pai e dizia-me assim: ‘Mamã acabei de falar com o papá, mas não chega! Eu preciso de abraçar o papá.’” (Rita, 37 anos, 2 filhos)

“Ele tentava falar com a miúda e acho que foi o que lhe fez mais impressão...foi a menina não falar com ele porque...Eu acho que ela sentiu um bocadinho o abandono do pai, não é?” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Este último relato é exemplificativo da possibilidade de algumas reações serem desencadeadas a partir de outras. Particularmente neste caso, o evitamento do contacto com o pai militar estava estreitamente relacionado com o sentimento de abandono, relatado na literatura como característico deste período (Pincus et al., 2001). Por outro lado, o período seguinte à partida também parece ser palco para algumas reações como a Tristeza (Lester & Flake, 2013).

Para além destas reações, torna-se relevante refletir sobre a ansiedade específica do período de antecipação do regresso do militar. Não só esta reação é particularmente mencionada no contexto desta fase (DeVoe & Ross, 2002; Pincus et al., 2001), como também assume

contornos específicos por ser desencadeada a partir das reações da mãe à mesma experiência. Tal resultado vai ao encontro de evidências anteriores de Lester e colaboradores (2010, cit. por Creech et al., 2014) que encontraram uma associação positiva entre os sintomas de ansiedade da figura parental não-militar e o surgimento de sintomas de internalização e externalização nas crianças.

“(...) acho que depois aquela ansiedade...a ansiedade que eu também sentia... (...) aquela ansiedade do regresso, do vermos se estava tudo bem (...) essa ansiedade ela também sentia porque eu própria transmitia essa ansiedade para ela...” (Maria, 32 anos, 2 filhos)

Por último, como exemplo de reações associadas ao período de reintegração do militar temos novamente a Saudade, mas agora orientada para a recuperação do tempo perdido e para a estabilização. Pincus e colaboradores (2001) falam da manifestação desta saudade, assumindo que as crianças em idade escolar podem querer muita atenção da parte deste pai que esteve ausente.

“(...) porque acho que as saudades que eles tinham uns dos outros, principalmente eles os três, eram muitas! Muitas! (...) Ou seja, eles uniram-se logo ao pai, absorveram logo o pai.” (Carolina, 47 anos, 2 filhos)

Procura das figuras parentais

Um resultado interessante, que emergiu da análise dos relatos das participantes, está associado à forma como as próprias crianças gerem a presença do pai aquando do seu regresso. Mais concretamente, foi possível perceber se a procura das figuras parentais se manteve ou alterou, em função da experiência de deslocamento. Das sete referências a esta questão, quatro dizem respeito a alterações na forma como as crianças recorrem aos pais e três remetem para a manutenção, no período de reintegração.

“(...) elas ainda vão perguntar-me a mim (...) elas ainda vão ‘mamã, o pai disse não sei o quê, podemos?’”(Joana, 36 anos, 2 filhos)

“Não, acho que de imediato, de imediato não. Porque eles ainda vão com a cassette ‘Mãe, mãe, mãe’, mas depois começam a ver que também já lá está o pai para falarem, para pedirem ajuda. Eles próprios já começam tanto a ir ao pai perguntar coisas, como à mãe.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

Para além deste resultado ter surgido exclusivamente associado à fase do pós-deslocamento, também parece importante considerar os motivos que possivelmente serão responsáveis por esta alteração ou manutenção. Por um lado, a continuação da procura da mãe pode estar relacionada com o facto de durante algum tempo ter sido sempre essa figura parental a principal responsável por decisões e/ou atividades diárias. Por outro, a normalização progressiva dos padrões relacionais familiares pode ser o reflexo de uma adequada capacidade de adaptação e resiliência (Saltzman et al., 2013).

Fatores de Stress

O trabalho e a família são dois domínios interdependentes que lidam com exigências específicas e particulares. No que respeita às famílias militares, o trabalho mostra-se particularmente exigente, sendo os seus elementos confrontados com eventos e experiências geradoras de *stress*, tais como a participação em missão internacional (Andres, Moelker, & Soeters, 2010). Não obstante, a família pode simultaneamente ser confrontada com outros acontecimentos que têm impacto no equilíbrio do sistema familiar. Uma vez percebidos como um desafio à adaptação e ao bem-estar dos vários elementos, estes acontecimentos são encarados como fatores de *stress* (McCubbin & Patterson, 1983) adicionais. Da análise dos principais fatores de *stress* resultaram, assim, duas categorias gerais: fatores de *stress* relacionados com a missão (76%) e adicionais (24%).

Relacionados com a missão. As participantes referiram sobretudo fatores particulares da missão como sendo fonte de *stress* e contribuindo para o aumento dos níveis de ansiedade e preocupação. Seis fatores principais emergiram: risco associado ao local da missão (sete referências), dificuldade na utilização dos meios de comunicação (cinco referências), duração da missão (quatro referências), desconhecido (três referências), adiamento do regresso do militar (duas referências) e nomeação para a missão (uma referência). Dos fatores supracitados, o primeiro parecer ser o que maior impacto tem na adaptação familiar, no sentido em que as participantes percecionam o local onde a missão é realizada como sendo perigoso e colocando em risco a segurança do militar. Uma das particularidades é precisamente o facto de todas as referências remetem para o Afeganistão como TO de elevado risco:

“Claro que uma pessoa quando se fala em Afeganistão está sempre muito mais preocupada do que quando se fala em ir para Timor. (...) Aquilo não é propriamente muito bom.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

“Aí estávamos sempre um bocadinho mais apreensivos. É que pronto, a gente sabe o que é o Afeganistão e mais apreensivos por uma razão muito específica. O meu vizinho de cima foi o único militar que faleceu em missão e foi no Afeganistão.” (Isabel, 66 anos, 2 filhos)

À semelhança das conclusões de Werner e Shannon (2013) numa investigação recente, as participantes indicam as mortes anteriores neste TO como uma das principais razões para a sua preocupação acrescida com a segurança e bem-estar do militar. Concomitantemente, quando a este cenário se acresce a dificuldade de manutenção de contacto regular e as notícias frequentes sobre o local nos meios de comunicação social, a incerteza, a sensação de falta de controlo e os níveis de *stress* aumentam substancialmente (Werner & Shannon, 2013).

“(…) a primeira missão foi horrível, porque no Afeganistão todos os dias há mortes, todos os dias há bombas, todos os dias comunicações zero.” (Teresa, 39 anos, 2 filhos)

“(…) E aí eu notava que o Ricardo e a Paula, às vezes à noite viam o telejornal, e ‘ai mãe aconteceu alguma coisa lá?’, ‘não que a mãe falou com o pai hoje?’.” (Isabel, 66 anos, 2 filhos)

Adicionais. Outros fatores também foram apontados pelas participantes como contribuindo para o aumento dos níveis de *stress*, designadamente processo de gravidez (4 referências) e doença da própria ou de outros (2 referências). Neste contexto, o processo de gravidez parece ser uma das preocupações principais, no sentido em que as separações repetidas e prolongadas associadas ao deslocamento implicam, muitas vezes, a ausência do militar em momentos e fases importantes. A perda do período de gestação (gravidez propriamente dita) e do parto dos filhos é exemplo disso e inevitavelmente contribui para exacerbar os níveis de *stress* (Boulding, 1950).

“Eu fiquei grávida em duas missões (...) não tive acompanhamento do marido em consulta nenhuma. O que me custava um bocadinho, como é evidente. Quando havia uma consulta o pai não entra, o pai não estava...nunca estava. No parto, exatamente a mesma coisa. Isso para uma mulher, num estado em que está muito mais sensível, é importante.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Recursos

De acordo com uma perspetiva ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1977), a consideração do *contexto* no qual as relações pais-filhos vão sendo

desenvolvidas e consolidadas é imperativa. Assim sendo, parece adequado explorar os principais recursos “encontrados” neste contexto e utilizados pela família para lidar com o *stress* percebido e com as exigências específicas associadas à missão. A sua utilização parece ser superior durante o deslocamento (93.9%), comparativamente com as restantes fases da missão. Três categorias principais surgiram: suporte social percebido (58.9%), meios de comunicação (28.6%) e experiência anterior de missões (12.5%).

Suporte Social Percebido. O suporte social surge como principal recurso durante a missão internacional, sendo claro que a principal fonte de suporte é a família (30 referências), seguido dos amigos (10 referências) e, por último, da comunidade (5 referências):

“A família, basicamente. O resto da família, os amigos que estiveram sempre. E depois de ele ter embarcado, se não fosse os amigos e os meus pais e o meu irmão a apoiarem-me...as pessoas não conseguem!” (Carolina, 47 anos, 2 filhos)

“Durante o Afeganistão tive uma senhora que é a avó de uma amiga da minha filha que me ajudou também bastante, principalmente com a menina porque estavam as duas na mesma escola e acabava por levar a minha filha para casa dela.” (Catarina, 39 anos, 2 filhos)

À semelhança do que outros autores concluíram (Barbudo et al., 2014; Riggs & Cusimano, 2014), a família e os amigos assumem uma posição de destaque enquanto principais figuras de suporte e a referência à sua presença é frequente no discurso das participantes. Paralelamente, a família surge como principal fonte de suporte funcional durante o deslocamento, o que se coaduna com a visão destas figuras como cuidadores adicionais, que apoiam esta figura parental com tarefas e rotinas diárias (Belsky, 1984; Paley et al., 2013).

“É entregar as crianças na escola de manhã porque o meu horário não me possibilitava de maneira nenhuma. (...) mas essa ajuda era fundamental! Se não fosse ela [avó], elas não iam à escola.” (Ana, 48 anos, 3 filhos)

Meios de Comunicação, que assumem um lugar de destaque ao permitirem o contacto entre o militar e os restantes elementos da família, e consequentemente promoverem a relação pais-filhos (Houston et al., 2013). Os resultados do nosso estudo apontam para a Internet como principal meio para comunicar com o militar, salientando-se o uso do *Skype* pela facilidade com que permite a realização de videoconferências.

Os meios de comunicação foram sendo referidos como principais moderadores do impacto do deslocamento ao longo da discussão dos vários temas suprarreferidos, sendo importante reafirmar que a sua utilização contribui para a manutenção do envolvimento da figura parental militar nas relações, dinâmicas e rotinas familiares, por oferecer a possibilidade de ver e ouvir o outro em tempo real (Barbudo et al., 2014; Laser e Stephens, 2011; Martins et al., 2014).

“Custa-lhe a ausência do pai, a ausência física, porque apesar das missões ele está sempre muito presente. É uma fase em que temos o computador ligado praticamente o dia todo. Eu ando com o meu *smartphone* e tenho o *Skype* ligado o dia inteiro.” (Rita, 37 anos, 2 filhos)

Mais se acrescenta que os relatos das participantes apontam para uma questão muito interessante e, simultaneamente, muito importante como consequência positiva da expansão das novas tecnologias: a *omnipresença da figura parental militar*. Por outras palavras, entenda-se a *omnipresença* como a presença psicológica e emocional, mesmo durante o período de ausência física. As participantes parecem fazer questão de explicar que a ausência é apenas física porque o militar continua envolvido em vários aspetos da vida familiar, sendo claro o papel central dos meios de comunicação na perpetuação destes vínculos (Greene et al., 2010). Efetivamente, nove das 10 referências à *omnipresença da figura parental militar* surgem também associadas aos meios de comunicação.

CONCLUSÃO

“Eles [militares] precisam, acima de tudo, de um grande apoio por parte da família. Eu acho que o êxito das missões, ou o êxito da missão por parte do militar que vai, passa todo pela estrutura familiar que tem. Passa por estes pequenos pontos...”
(Rita, 37 anos, 2 filhos)

“Estes pequenos pontos” são, simultaneamente, a linha de chegada e de partida para a compreensão das particularidades das famílias militares. No fundo, são “pontos” da “família” e da “profissão militar”, que se cruzam e que ao longo dos últimos anos têm levado várias famílias a experienciarem as várias fases de uma missão internacional. Desta complexidade decorre o pressuposto de que é impossível compreender as *partes* sem se conhecer o *todo*, bem como compreender o *todo* sem se conhecer as *partes*. Assim, a compreensão do processo de adaptação destas famílias exige a análise das *partes* – recursos, significados –, e das inter-relações entre elas (*todo*), assentando em princípios sistémicos (Bertalanffy, 1968), ecológicos (Bronfenbrenner, 1977) e de resiliência familiar (Saltzman et al., 2013). Procurando desbravar terreno na compreensão destas dinâmicas e relações, sobretudo ao nível da parentalidade, os objetivos desta investigação passavam por (1) Explorar perceções de possíveis alterações ao nível dos aspetos relacionais e funcionais da parentalidade, resultantes da participação da figura parental masculina em missões internacionais, (2) Explorar o impacto do deslocamento da figura parental masculina, por participação em missões internacionais, na relação mãe-filho(s), bem como (3) Identificar possíveis recursos utilizados, antes, durante e após o deslocamento, para diminuir o impacto da ausência da figura parental masculina na relação pais-filho(s).

A frequente separação de um elemento do sistema familiar é uma das características distintivas da profissão militar (Vuga & Juvan, 2013b; Wood et al., 1995), considerando-se essencial a compreensão das relações pais-filhos no contexto particular em que vão evoluindo, isto é, antes, durante e após o deslocamento. Para tal, considerámos a possibilidade de seguir um modelo mais faseado e mais sensível à experiência destas famílias, que considerasse não só estas três fases, mas também outras mais específicas que se incluem nas primeiras. A nossa opção recaiu sobre o modelo do Ciclo do Deslocamento de Van Breda (1996), ainda que as suas principais considerações sejam feitas às dinâmicas conjugais. Tal opção fundamentou-se na necessidade de compreender se estas fases também seriam adequadas para enquadrar as relações pais-filhos. Em parte, a subdivisão proposta por esta autora foi também conseguida a partir dos relatos das nossas participantes. Apesar da sequência e das descrições das fases não serem exatamente as mesmas, o que nos parece relevante é o que elas representam em termos de alterações e manutenções ao nível das relações.

A maioria das considerações ao *pré-deslocamento* remetem para o período em geral, existindo algumas questões particulares associadas à antecipação da partida. No que concerne às atividades familiares em geral, observa-se que algumas famílias procuram passar mais tempo juntos para desfrutar ao máximo antes da partida do militar (Pincus et al., 2001; Van Breda, 1996). De destacar nesta fase é o afastamento intencional do pai militar em relação aos filhos, que surge como forma de precaução e não fortalecimento de laços familiares, para que a sua ausência não seja tão dolorosa para as crianças. Tal parece consistente com o postulado pelo modelo de Van Breda (1996), no que concerne à fase de desvinculação e retirada. Já a fase de antecipação da partida é caracterizada sobretudo pelos preparativos para a missão, que por vezes surgem sob a forma de tomada de decisão de mudança de residência para junto de possíveis fontes de suporte (Belsky, 1984; Paley et al., 2013). Por outro lado, a preparação dos filhos também se evidencia como particularmente importante, procurando-se uma comunicação clara sobre o próprio contexto da missão, criando condições para a sua compreensão e, conseqüentemente, contribuindo para a promoção da relação pais-filhos (Riggs & Cusimano, 2014; Saltzman et al., 2013).

O *deslocamento* é o palco das grandes considerações no que refere à organização familiar e, especificamente, no que respeita à relação pai-filhos e mãe-filhos. À semelhança do postulado por vários modelos (e.g., DeVoe & Ross, 2012; Pincus et al., 2001) e concluído por vários estudos (e.g., Walsh et al., 2014; Werner & Shannon, 2014), o aumento das responsabilidades da figura parental que fica é apontado como uma das principais dificuldades durante a ausência do militar. Ainda assim, para algumas famílias, as atividades de ocupação de tempos livres evidenciam-se como mecanismo de *coping* importante para lidar com o *stress* associado (Shaw & Dawson, 2001), contribuindo simultaneamente para o fortalecimento da relação mãe-filhos. O aumento da proximidade desta relação é, assim, evidente e consequência da responsividade desta figura parental durante um período particularmente exigente. Ao contrário do que seria de esperar, não parecem existir alterações significativas ao nível do envolvimento do militar na vida familiar. Tal evidência alicerça-se na noção de omnipresença do militar, no sentido em que permanece presente psicológica e emocionalmente, sobretudo facilitada pela utilização de diversas tecnologias de informação e comunicação. Ainda neste contexto, a subfase antecipação do regresso surge acompanhada de vários planos de atividades a realizar aquando da chegada do militar e de alguma ansiedade característica da antecipação da chegada de uma figura de referência (DeVoe & Ross, 2012; Van Breda, 1996).

Segue-se o *pós-deslocamento* que parece ser o período privilegiado para uma reorganização das responsabilidades, papéis e tarefas familiares entre os elementos do casal parental. A manutenção do envolvimento do militar durante o deslocamento está associado a

uma maior facilidade na adaptação familiar a esta fase de reintegração e renegociação, contrariamente ao que seria de esperar. O período habitualmente designado de “lua-de-mel” (DeVoe & Ross, 2012; Lester & Flake, 2013) parece surgir sob a forma de realização de atividades familiares e aumento da procura do pai militar por parte das crianças. As saudades e a necessidade de recuperação de tempo perdido leva, muitas vezes, ao afastamento intencional da mãe, que procura “dar espaço ao pai”, facilitando o processo de reintegração. Associamos, portanto, esta renegociação e estabilização dos padrões de interação como reflexo de uma parentalidade “partilhada”, coordenada e harmoniosa (McHale, 2007).

Não obstante, as famílias não são imunes a fatores de *stress* adicionais à experiência de missão, sendo pertinente considerar a importância de transições específicas associadas ao ciclo vital de uma família, quando procuramos pistas para uma intervenção adaptada à realidade de Portugal. Mais se acrescenta que a maioria dos militares participa em missões mais que uma vez, podendo alguns efeitos e impactos ser exacerbados pela experiência repetida de missões. Esta repetição parece ser melhor descrita, não só como um ciclo, mas também como uma *espiral* (Lester & Flake, 2013). Tal assunção permite capturar o efeito cumulativo e a transformação, tanto positiva como negativa, ao longo das várias fases do ciclo vital das famílias, encarando estas experiências de deslocamento como influenciando progressivamente o equilíbrio familiar, não sendo estanques e limitadas no tempo.

Acrescenta-se, ainda, que sem um conhecimento preciso e atualizado das forças e recursos destas famílias, estaremos a lidar com inferências e generalizações que levarão a decisões inapropriadas no que respeita ao suporte prestado e aos programas de prevenção/intervenção. Assim, os resultados desta investigação vêm consolidar terreno no que respeita aos principais recursos, que promovem as relações pais-filhos e que devem ser potenciados e amplificados: suporte social e meios de comunicação (claramente identificados como centrais durante a ausência física do militar na manutenção de rotinas e papéis familiares).

Limitações e Implicações para a Investigação

“If you want to understand something, try to change it.”

Walter Fenno Dearborn (*em* Belsky, 1984)

Partindo desta citação, procede-se à apresentação das principais limitações desta investigação, que devem ser consideradas aquando da interpretação dos resultados, bem como de possíveis formas de as colmatar, vislumbrando novos horizontes e mudando de perspetiva. Em primeiro lugar, o facto da dimensão da amostra ser reduzida (N=9) poderá comprometer o alcance efetivo das características distintivas desta população. Em segundo lugar, destaca-se a

heterogeneidade da amostra, especificamente ao nível da ocupação profissional. Duas cônjuges são também militares de profissão, o que poderá influenciar a forma como as missões são percebidas e (re)enquadradas. No sentido de alcançar dados mais consistentes, seria interessante considerar dois subgrupos de amostra (cônjuges militares; cônjuges não-militares), procurando compreender de que forma a experiência pessoal militar contribui para moderar o impacto da participação do outro cônjuge em missões. Em terceiro lugar, a não delimitação de idade das crianças (filhos) que as figuras parentais consideravam para responder na entrevista, tornou a faixa etária muito abrangente (entre os 2 e os 17 anos). Acresce-se também a não consideração do sexo das crianças aquando da seleção da amostra, o que não permitiu uma análise comparativa de ambos. Ainda que se trate de uma visão exploratória, esta não delimitação poderá condicionar a interpretação dos resultados, uma vez que se sabe que as reações dos filhos, às experiências características das várias fases da missão, são diferentes em função do estágio de desenvolvimento em que se encontram e do seu sexo (Creech et al., 2014). Em quarto lugar, o estudo contou apenas com um informador: cônjuge do militar. Para uma análise mais compreensiva dos fenómenos em estudo, e tendo como referencial uma visão sistémica (Bertalanffy, 1968), seria prudente a recolha de informação a partir de outros informadores [e.g., militar, filho(s)], de tal forma que se cruzassem perspetivas, visões e perceções de uma mesma experiência. Em quinto lugar, considera-se a possibilidade de o método de recolha de dados, entrevista semiestruturada, em parte contribuir para o enviesamento de respostas. As expectativas dos participantes quanto ao que deve ser comunicado podem estar associadas a uma imagem social da vida militar, sendo necessário refletir com cautela sobre os resultados. Em sexto lugar, aponta-se o processo de codificação e análise de dados como podendo envolver alguma subjetividade. O facto deste processo ter sido realizado sobretudo por uma investigadora pode levar a enviesamentos. Ainda assim, esta limitação foi, em parte, colmatada através da revisão e discussão conjunta com a orientadora desta investigação.

No que respeita às particularidades da vida militar, destaca-se como limitação o facto de o estudo se reportar apenas a um dos ramos das Forças Armadas: o Exército Português. Dadas as suas especificidades, tal pode limitar a generalização dos resultados obtidos a outros ramos. Futuramente, seria interessante considerar subgrupos de amostra que primassem pela integração de informantes dos três ramos: Exército Português, Marinha de Portugal e Força Aérea Portuguesa. Por outro lado, na presente investigação, não foi possível controlar o tempo decorrido desde o regresso do militar da última missão até à data da realização da entrevista. O não controlo desta variável pode ter lidado com a dificuldade de descentração de emoções e experiências recentes (no caso do militar ter regressado recentemente), acabando os informantes por não conseguirem reportar-se a outras missões anteriores.

Não obstante as limitações supramencionadas, este estudo apresenta forças importantes e os seus resultados demonstram implicações relevantes para a investigação. Tendo em conta a escassez de estudos que investigam o impacto da participação de uma figura parental militar na parentalidade (especificamente na relação pais-filhos), o presente estudo constitui um avanço nesta área, considerando-se inovador e pertinente. Algumas pistas surgiram no que respeita a interações e dinâmicas particulares das famílias militares portuguesas, sugerindo-se, portanto, a condução de estudos que permitam o aprofundamento de algumas delas.

Pistas mais gerais apontam para as características particulares da missão. Primeiramente, parecem existir diferenças de impacto no que respeita ao TO para onde o militar é deslocado. O Afeganistão parece estar associado a fontes de *stress* distintas, por implicar uma maior exposição ao perigo. Em investigações futuras seria interessante aprofundar as diferenças que existem em função dos TO para onde os militares são deslocados (Afeganistão vs. outros), procurando compreender particularidades ao nível da adaptação e bem-estar familiar. Por sua vez, a voluntariedade ou a nomeação para a missão também surgiram como potenciais moderadores da adaptação familiar, sobretudo no que respeita ao pré-deslocamento. Este pode ser o ponto de partida para a compreensão de diferenças ao nível da vivência deste período. Ainda neste sentido, alguns resultados apontam para o *aprontamento* (i.e., treino operacional orientado para a missão) como importante nesta fase, sugerindo que futuramente se considere *como e onde* foram realizados, bem como a influência que tiveram na adaptação da família.

Propõe-se, ainda, a continuação da exploração do papel dos meios de comunicação. Têm surgido algumas considerações que apontam para a frustração e o sentimento de ambivalência quando a comunicação não é eficaz (Lester & Flake, 2013), bem como para a distração que pode provocar no militar (Greene et al., 2010), sendo um ponto de partida curioso para a exploração mais orientada para os seus efeitos nas famílias portuguesas. Sugere-se, também, um aprofundamento das especificidades associadas à parentalidade, procurando investigar como o funcionamento conjugal influencia os comportamentos parentais e coparentais na relação mãe-filhos, pai-filhos e mãe-pai-filhos (mecanismos de *spillover*), especificamente nestas famílias. Tal tem sido estudado com a população militar americana (e.g., Rodriguez & Margolin, 2011), lançando-se como pista a possibilidade de exploração deste fenómeno na população militar portuguesa. Finalmente, considera-se relevante a realização de estudos longitudinais, de tal forma que se capture a estabilidade/mudança temporal de determinados processos funcionais e relacionais. Ao estudá-los ao longo das várias fases de uma missão internacional e à medida que a família passa pela experiência repetida de missões, torna-se possível aceder às percepções dos participantes enquanto estão a passar pela experiência e não só retrospectivamente, ampliando o conhecimento das especificidades desta população.

Impõe-se a necessidade de orientar o foco para o desenvolvimento destas famílias militares, valorizando a recolha e análise de dados de forma sistemática, longitudinal, científica e orientada para a prática. A investigação de Doutoramento em curso, na qual o presente estudo se insere, será essencial para fazer face a algumas destas limitações e para o aprofundamento desta temática.

Implicações Práticas

Quanto às implicações práticas desta investigação, destacam-se algumas pistas importantes para a prevenção/intervenção com estas famílias, sobretudo para técnicos que com elas trabalham diretamente. Alguns temas evidenciam-se como particularmente importantes no contexto da parentalidade, designadamente, gestão de regras e responsabilidades familiares, gestão de comportamentos parentais e coparentais, envolvimento positivo mãe-filho e pai-filho, monitorização de comportamentos, compreensão e preparação necessária à transição bem-sucedida de cada fase da missão. Destaca-se, também, a falta de suporte por parte da Instituição Militar, sentida por algumas participantes, que verbalizam no decorrer da entrevista a necessidade de serem mais apoiadas:

“Se somos uma família para tudo, acho que neste aspeto também somos uma família. Se nós aguentamos tanta coisa, se eles passam tantas noites fora e dão tanto à instituição, porque é que a instituição também não nos há de dar um bocadinho?”

(Maria, 32 anos, 2 filhos)

Talvez seja prudente considerar que “ser resiliente não significa que essas famílias são invulneráveis” (Lemmon & Stafford, 2014, p.343), justificando-se, assim, a necessidade de programas de promoção da resiliência, que minimizem os riscos associados à participação em missões internacionais e potenciem relações familiares e recursos da comunidade. Trata-se de reforçar a importância de intervenções precoces e prévias à consolidação de padrões de interação disfuncionais que prejudicam a adaptação a experiências particulares de *stress*. Não obstante, o desenvolvimento e implementação destes programas deve ser adaptado às necessidades particulares das famílias portuguesas. Alguns programas têm sido desenvolvidos junto das Forças militares Americanas (e.g., Programa ADAPT – *Adaptive Parenting Tools*, cit. por Gewirtz et al., 2014), no entanto não são totalmente adaptados e ajustados à nossa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2002). (des)Equilíbrios Familiares. Coimbra: Quarteto Editora.
- American Psychological Association (APA), Presidential Task Force on Military Deployment Services for Youth, Families, and Service Members (2007). *The psychological needs of U. S. Military service members and their families: A preliminary report*.
- Andres, M. D., & Soeters, J. (2010). *Behind family lines: Family members' adaptation to military-induced separations*. Broese & Peereboom, Breda. Retirado de: <http://hbo-kennisbank.uvt.nl/cgi/nda/show.cgi?fid=1684>
- Baltazar, M. S., & Salvador, R. (2012, Junho). Impactos da profissão militar nos padrões familiares: Reconfigurações a partir do caso particular do comando de instrução e doutrina. Comunicação Oral apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia*, Porto.
- Baker, S., Cove L., Fagan S., Fischer E., Janda E., & Master, F. (1968). Impact of Father Absence III: Problems of Family Reintegration Following Prolonged Father Absence. *American Journal of Orthopsychiatry*, 38, 1-32. Retirado de: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED021256.pdf>
- Barbudo, M., Francisco, R., & Santos, R. P. (2014). *Vivências de militares em missões internacionais: O impacto nas relações conjugais*. Manuscrito submetido para publicação.
- Bazeley, P. (2007). *Qualitative data analysis with NVivo*. London: Sage Publications.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Bertalanffy, L. (1968). *General System Theory: Foundations, Development, Applications*. New York: George Braziller.
- Black, W. G. (1993). Military-induced family separation: A stress reduction intervention. *Social Work*, 38(3), 273-80.

- Boulding, E. (1950). Family adjustments to war separation and reunion. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 272, 59-67. doi: 10.1177/000271625027200109
- Booth, B., Segal, M., Bell, D., Martin, J., Ender, M., Rohall, D., & Nelson, J. (2007). *What we know about army families: 2007 update*. Caliber. Retirado de: <http://www.mwrbrandcentral.com/HOMEPAGE/Graphics/Research/whatweknow2007.pdf>
- Bowling, U. B., & Sherman, M. D. (2008). Welcoming them home: Supporting service members and their families in navigating the tasks of reintegration. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39, 451-458. doi: 10.1037/0735-7028.39.4.451
- Branco, C. M. (2010). O que são operações de paz? Conceitos e taxinomia. In C. M. Branco, F. P. Garcia & C. S. Pereira (Eds.), *Portugal e as operações de paz: Uma visão multidimensional* (pp. 50-75). Lisboa: Fundação Mário Soares.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531. doi: 10.1037/0003-066X.32.7.513
- Bugental, D. B., & Grusec, J. E. (2006). Socialization process. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology* (Vol. 3, pp.366-428). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.,
- Campbell-Sills, L., Cohan, S. L., & Stein, M. B. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms on young adults. *Behaviour Research and Therapy*, 44, 585-599. doi: 10.1016/j.brat.2005.05.001
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.

- Card, N. A., Bosch, L., Casper, D. M., Wiggs, C. B., Hawkins, S. A., Schlomer, G. L., & Borden, L. M. (2011). A meta-analytic review of internalizing, externalizing, and academic adjustment among children of deployed military service members. *Journal of Family Psychology, 25*, 508-520. doi: 10.1037/a0024395
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica, 31*(4), 393-406.
- Carreiras, H. (1999). O que pensam os militares portugueses do peacekeeping? *Estratégia – Revista de Estudos internacionais, 14*, 65-95.
- Carreiras, H. (2010). Soldados sem inimigos? Um olhar sociológico sobre os militares portugueses em missões de paz. In C. M. Branco, F. P. Garcia & C. S. Pereira (Eds.), *Portugal e as operações de paz: Uma visão multidimensional* (pp. 459-493). Lisboa: Fundação Mário Soares.
- Carreiras, H. (2013). Mulheres, direitos e eficácia militar: O estado do debate. *Revista Militar, 65*(5), 477-495.
- Carreiras, H., & Alexandre, A. (2013). Research relations in military settings: How does gender matter? In H. Carreiras & C. Castro (Eds.), *Qualitative methods in military studies: Research experiences and challenges* (pp.97-115). New York: Routledge.
- Chambel, M. J., & Oliveira da Cruz, F. (2012). A ruptura do contrato psicológico e o desenvolvimento de burnout: Um estudo longitudinal com militares em missão de paz. *Revista de Psicologia Militar, 21*, 9-30.
- Chandra, A., Lara-Cinisomo, S., Jaycox, L. H., Tenielian, T., Burns, R. M., Ruder, T., & Han, B. (2010). Children on the homefront: The experience of children from military families. *Pediatrics, 125*, 13-22. doi: 10.1542/peds.2009-1180
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications.

- Creech, S. K., Hadley, W., & Borsari, B. (2014). The impact of military deployment and reintegration on children and parenting: A systematic review. *Professional Psychology: Research and Practice*, 1-13. doi: 10.1037/a0035055
- Crouter, A. C., & Head, M. R. (2002). Parental Monitoring and knowledge of children. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 461-483). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Compton, L., & Hosier, A. F. (2011). *Renewing infant attachment bond following military deployment*. Retirado de:
<http://www.ca.uky.edu/agc/pubs/fcs7/fcs7196/fcs7196.pdf>
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Dayton, C. J., Walsh, T. B., Muzik, M., Erwin, M., & Rosenblum, K. L. (2014), Strong, safe, and secure: Negotiating early fathering and military service across the deployment cycle. *Infant Mental Health Journal*, 35, 509-520. doi: 10.1002/imhj.21465
- DeCarvalho, L. T., & Whealin, J. M. (2012). *Healing stress in military families – Eight steps to wellness*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2003). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In K. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials* (pp. 1-45). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- DeVoe, E. R., & Ross, A. (2012). The Parenting Cycle of Deployment. *Military Medicine*, 177(2), 184-190.
- Esposito-Smythers, C., Lemmon, K. M., Wolff, J., Bodzy, M., Swenson, R. R., & Spirito, A. (2011). Military youth and the deployment cycle: Emotional health consequences and

- recommendations for intervention. *Journal of Family Psychology*, 25, 497-507. doi: 10.1037/a0024534
- Faber, A. J., Willerton, E., Clymer, S. R., MacDermid S. M., & Weiss, H. M. (2008). Ambiguous absence, ambiguous presence: A qualitative study of military reserve families in wartime. *Journal of Family Psychology*, 22, 222-230. doi: 10.1037/0893-3200.22.2.222
- Gallagher, K. C. (2002). Does child temperament moderate the influence of parenting on adjustment? *Developmental Review*, 22, 623-643. Retrieved de: http://education.uci.edu/intranet2/PhD%20Forms/sdarticle_gallagher%201%202.pdf
- Gewirtz, A. H., Pinna, K. L., Hanson, S. K., & Brockberg, D. (2014). Promoting Parenting to support reintegrating military families: After deployment, Adaptive Parenting Tools. *Psychological Services*, 11, 31-40. doi: 10.1037/a0034134
- Greene, T., Buckman, J., Dandeker, C., & Greenberg, N. (2010). How communication with families can both help and hinder service members' mental health and occupational effectiveness on deployment. *Military Medicine*, 175(10), 745-749.
- Guba, A., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Hall, L. (2008). *Counseling Military Families: What mental health professionals need to know*. New York: Routledge.
- Hazle, M., Wilcox, S., & Hassan, A. (2012). Helping veterans and their families fight on! *Advances in Social Work*, 13(1), 229-242.
- Houston, J. B., Pfefferbaum, B., Sherman, M. D., Melson, A. G., & Brad, M. W. (2013). Family communication across the military deployment experience: child and spouse report of communication frequency and quality and associated emotion, behaviors, and

- reactions. *Journal of Loss and Trauma*, 18, 103-119. doi: 10.1080/15325024.2012.684576
- Huebner, A. J., Mancini, J. A., Wilcox, R. M., Grass, S. R., & Grass, G. A. (2007). Parental deployment and youth in military families: Exploring uncertainty and ambiguous loss. *Family Relations*, 56, 112-122. doi: 10.1111/j.1741-3729.2007.00445.x
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp.111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lara-Cinisomo, S., Chandra, A., Burns, R., Jaycox, L. H., Tanielian, T., Ruder, T., & Han, B. (2012). A mixed-method approach to understanding the experiences of non-deployed military caregivers. *Matern Child Health Journal*, 16, 374-384. doi: 10.1007/s10995-011-0772-2
- Laser, J. A., & Stephens, P. M. (2011). Working with military families through deployment and beyond. *Clinical Social Work Journal*, 39, 28-38. doi: 10.1007/s10615-010-0310-5
- Lemmon, K., & Stafford, E. (2014). Advocating for America's military children: Considering the impact of parental combat deployment to Iraq and Afghanistan. *Family Court Review*, 52, 343-354. doi: 10.1111/fcre.12096
- Lester, P., & Flake, E. (2013). How Wartime Military Service Affects Children and Families. *Future of Children*, 23(2), 121-141.
- Lieberman, A. F., & Van Horn, P. (2013). Infants and young children in military families: A conceptual model for intervention. *Clinical Child Family Psychology Review*, 16, 282-293. doi: 10.1007/s10567-013-0140-4
- Loureiro, J. C. (2010). O Exército Português e as operações de paz. In C. M. Branco, F. P. Garcia & C. S. Pereira (Eds.), *Portugal e as operações de paz: Uma visão multidimensional* (pp. 165-192). Lisboa: Fundação Mário Soares.

- Lowe, K. N., Adams, K. S., Browne, B. L., & Hinkle, K. T. (2012). Impact of military deployment on family relationships. *Journal of Family Studies, 18*, 17-27. doi: 10.5172/jfs.2012.18.1.17
- MacDermid Wadsworth, S., Lester, P., Marini, C., Cozza, S., Sornborger, J., Strouse, T., & Beardslee, W. (2013). Approaching family-focused systems of care for military and veteran families. *Military behavioral health, 1*, 31-40. doi: 10.1080/21635781.2012.721062
- MacDermid Wadsworth, S., & Riggs, D. (2011). *Risk and resilience in U.S. Military Families*. Indiana: Springer.
- Martins, T., Santos, R. P., & Francisco, R. (2014). *Mudanças familiares e rede social dos cônjuges de militares em missão: Um estudo exploratório*. Manuscrito submetido para publicação.
- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). The family stress process: the Double ABCX model of adjustment and adaptation. In H. I. McCubbin, M. B. Sussman & J. M. Patterson (Eds.), *Social stress and the family: Advances and developments in family stress theory and research* (pp. 7-37). New York: The Haworth Press.
- McHale, J. P. (2007). *Charting the bumpy road of coparenthood: Understanding the challenges of family life*. Washington, DC: ZERO TO THREE.
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoucey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 75-90). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge: Harvard University Press.

- Mmari, K., Roche, K. M., Sudhinaraset, M., & Blum, R. (2009). When a parent goes off to war: Exploring the issues faced by adolescents and their families. *Youth & Society, 40*, 455-475. doi: 10.1177/0044118X08327873
- Moore, B. L. (2014). In-depth interviewing. In J. Soeters, P. M. Shields & S. Rietjens (Eds.), *Routledge handbook of research methods on military studies* (pp. 116-128). New York: Routledge.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Sessa, F. M., Avenevoli, S., & Essex, M. J. (2002). Temperamental vulnerability and negative parenting as interacting predictors of child adjustment. *Journal of Marriage and Family, 64*, 461-471. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00461.x
- Newby, J. H., McCarroll, J. E., Ursano, R. J., Zizhong, F., Shigemura, J., & Tucker-Harris, Y. (2005). Positive and Negative Consequences of a Military Deployment. *Military Medicine, 170*(10), 815-819.
- Oliveira da Cruz, F. M. (2003). Burnout e engagement: Estudo exploratório numa amostra de militares em missão de apoio à paz em Timor. *Revista de Psicologia Militar, 14*, 29-40.
- Oliveira da Cruz, F. M. (2004). Estudo exploratório da auto-eficácia e eficácia colectiva nas Forças Nacionais Destacadas na Bósnia Herzegovina e em Timor-Lorosae. *Revista de Psicologia Militar, 15*, 7-19.
- Paley, B., Lester, P., & Mogil, C. (2013). Family Systems and Ecological Perspectives on the Impact of Deployment on Military Families. *Clinical Child & Family Psychology Review, 16*, 245-265. doi: 10.1007/s10567-013-0138-y
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "Involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dolahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives. Current issues in the family series* (Vol. 3, pp.200-216). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Palmer, C. (2008). A theory of risk and resilience factors in military families. *Military Psychology, 20*, 205-217. doi: 10.1080/08995600802118858
- Park, N. (2011). Military children and families – strengths and challenges during peace and war. *American Psychologist, 66*, 65-72. doi: 10.1037/a0021249
- Pincus, S., House, R., Christenson, J., & Alder, L. (2001). *The emotional cycle of deployment: A military family perspective*. Retirado de: <http://mo4h.missouri.edu/programs/military/resources/manual/Deployment-Cycles.pdf>
- Relvas, A. P. (2004). *O Ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Riggs, S. A., & Cusimano, A. (2014). The dynamics of military deployment in the family system: What makes a parent fit for duty? *Family Court Review, 52*, 381-399. doi: 10.1111/fcre.12099
- Riggs, S. A., & Riggs, D. S. (2011). Risk and resilience in military families experiencing deployment: The role of the family attachment network. *Journal of Family Psychology, 25*, 675-687. doi: 10.1037/a0025286
- Rodriguez, A. J., & Margolin, G. (2011). Siblings of military servicemembers: Qualitative exploration of individual and family systems reactions. *Professional Psychology: Research and Practice, 42*, 316-323. doi: 10.1037/a0024527
- Roy, K. M. (2005). Transitions on the margins of work and family life for low-income African-American fathers. *Journal of family and economic issues, 26*(1), 77-100.
- Saltzman, W., Pynoos, R., Lester, P., Layne, C., & Beardslee, W. (2013). Enhancing family resilience through family narrative co-construction. *Clinical Child & Family Psychology Review, 16*, 294-310. doi: 10.1007/s10567-013-0142-2
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sampaio, N., Luís, R., & Fazendeiro, H. (2003). Motivação e satisfação profissional dos militares em missão de paz. *Revista de Psicologia Militar, 14*, 41-54.

- Santos, M. (2010). Portugal nas operações de paz. A participação nacional no processo de tomada de decisão internacional. In C. M. Branco, F. P. Garcia & C. S. Pereira (Eds.), *Portugal e as operações de paz: Uma visão multidimensional* (pp. 495-526). Lisboa: Fundação Mário Soares.
- Schumm, W. R., Bell, B., Ender, M. G., & Rice, R. E. (2004). Expectations, use, and evaluation of communication media among deployed peacekeepers. *Armed Forces & Society*, 30(4), 649-662.
- Segal, M. W. (1986). The military and the family as greedy institutions. *Armed Forces & Society*, 13, 9–38. doi: 10.1177/0095327X8601300101
- Sheppard, S. C., Malatras, J. W., & Israel, A. C. (2010). The Impact of Deployment on U.S. Military Families. *American Psychologist*, 65, 599-609. doi: 10.1037/a0020332
- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practical handbook*. London: Sage Publications.
- Skomorovsky, A. (2014). Deployment stress and well-being among military spouses: The role of social support. *Military Psychology*, 26, 44-54. doi: 10.1037/mil0000029
- Sousa, J. (2006). As famílias como projetos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber(e)Educar*, 11, 41-47.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. London: Sage Publications.
- Swenson, R., & Wolff, J. (2011). Deployment for military families carries emotional and behavioral consequences. *Brown University Child & Adolescent Behavior Letter*, 27(10), 1-7.
- Van Breda, A. (1996). *Emotional cycles of deployment in the South African naval family: A collection of studies and essays*. Institute for Maritime Medicine, Social work department. Retirado de:
http://www.vanbreda.org/adrian/pubs/emotional_cycles_of_deployment.pdf

- Vilhena, C. (2005). *Resiliência em contexto militar* (Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto). Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23689>
- Vuga, J., & Juvan, J. (2013a). Inside the military organization: Experience of researching the Slovenian Armed Forces. In H. Carreiras & C. Castro (Eds.), *Qualitative methods in military studies: Research experiences and challenges* (pp. 116-131). New York: Routledge.
- Vuga, J., & Juvan, J. (2013b). Work-family conflict between two greedy institutions – the family and the military. *Current Sociology*, *61*, 1058-1077. doi: 10.1177/0011392113498881
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, *42*, 1-18. doi 10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x
- Walsh, T. B., Dayton, C. J., Erwin, M. S., Muzik, M., Busuito, A., & Rosenblum, K. L. (2014). Fathering after military deployment: Parenting challenges and goals of fathers of young children. *Health & Social Work*, *39*, 35-44. doi: 10.1093/hsw/hlu005
- Werner, T. L., & Shannon, C. S. (2013). Doing more with less: Women's leisure during their partners' military deployment. *Leisure Sciences*, *35*, 63-80. doi: 10.1080/01490400.2013.739897
- Wheeler, A. R., & Torres Stone, R. A. (2010). Exploring stress and coping strategies among National Guard Spouses during times of deployment: A research note. *Armed Forces & Society*, *36*, 545-557. doi: 10.1177/0095327X09344066
- Willerton, E., Schwarz, R., MacDermid Wadsworth, S., & Oglesby, M. (2011). Military fathers' perspectives on involvement. *Journal of family psychology*, *25*, 521-530. doi: 10.1037/a0024511
- Wood, S., Scarville, J., & Gravino, K. S. (1995). Waiting wives: Separation and reunion among army wives. *Armed Forces & Society*, *21*, 217-236. doi: 10.1177/0095327X9502100204

Wooten, N. R. (2013). A bioecological model of deployment risk and resilience. *Journal of human behavior in the social environment*, 23, 699-717. doi: 10.1080/10911359.2013.795049

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Cód. _____

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo: M F 2. Idade _____ 3. Data de Nascimento ____ / ____ / ____

4. Estado Civil:

- a. Casado(a) , há quantos anos? _____
- b. União de fato , há quantos anos? _____
- c. Solteiro(a)
- d. Viúvo(a)
- e. Outra situação: _____

5. Localidade onde nasceu: _____ 6. Localidade de residência: _____

7. Tem filhos:

Sim Não

8. Quantos? _____, quais as idades? _____

9. Tem irmãos/irmãs:

Sim Não

10. Quantos? _____

11. Grau de parentesco em relação ao militar:

- a. Próprio(a)
- b. Cônjuge/Companheira(o)
- c. Pai/Mãe
- d. Filho(a)
- e. Irmão(ã)

12. Número de elementos do seu agregado familiar: _____

13. Identificação do **agregado familiar**:

- a) Cônjuge/Companheira(o) ; profissão _____
- b) Filho(s)/a(s) ; profissão _____
- c) Pai ; profissão _____
- d) Mãe ; profissão _____
- e) Sogro ; profissão _____
- f) Sogra ; profissão _____
- g) Tio(s)/a(s) ; profissão _____
- h) Outro (s) ; Quem _____; profissão _____

II. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

14. Habilitações Académicas:

- a) Até ao 4ºano
- b) 5º - 6ºano
- c) 7º - 9ºano
- d) 10º-11ºano
- e) 12ºano (completo)
- f) Licenciatura ou superior

III. FAMILIAR MILITAR

15. Categoria:

- a) Oficial
- b) Sargento
- c) Praça

16. Ramo da FA/Força de Segurança:

- a. Marinha
- b. Exército
- c. Força Aérea
- d. Guarda Nacional Republicana

17. Missões internacionais:

- a. Bósnia ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- b. Kosovo ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- c. Timor ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- d. Iraque ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- e. Afeganistão ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- f. Uganda ; nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____
- g. Outro ; onde _____ nº de vezes ___; quando (MM/AA) _____

III. ÚLTIMA MISSÃO

18. Local da missão:

- a) Bósnia
- b) Kosovo
- c) Timor
- d) Iraque
- e) Afeganistão
- f) Uganda
- g) Outro , onde _____

19. Período da missão: de _____ (MM/AA) a _____ (MM/AA)

20. Participação na última missão:

- a) Integrado numa Força Nacional Destacada
- b) Sozinho
- c) Outra Qual? _____

21. Tempo de deslocamento:

- a) Menos de 4 meses
- b) 4 a 6 meses
- c) 6 a 9 meses
- d) Mais de 9 meses

22. Número de filhos na altura da última missão: _____

- a) Sexo: F M Idade ____ anos
- b) Sexo: F M Idade ____ anos
- c) Sexo: F M Idade ____ anos
- d) Sexo: F M Idade ____ anos

IV. INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

23. Como ocupava os seus tempos livres (atividades solitárias, como ler, ver televisão, jogar computador, etc.; e/ou atividades sociais, como sair com os amigos, desportos em equipa, etc.)?

- a) Durante o Pré-deslocamento: _____
- b) Durante o Deslocamento: _____
- c) Durante o Pós-deslocamento: _____

24. Praticava algum desporto com regularidade?

- a) Pré-deslocamento:
Não Sim

Se sim, qual(quais) e com que frequência: _____

b) Deslocamento:

Não Sim

Se sim, qual(quais) e com que frequência: _____

c) Pós-deslocamento:

Não Sim

Se sim, qual(quais) e com que frequência: _____

25. Comunicação durante o deslocamento (entre a família e o militar):

a) E-mail: Sim Não Frequência _____

b) Webcam: Sim Não Frequência _____

c) Carta: Sim Não Frequência _____

d) Redes sociais (*Facebook, Twiter, etc.*): Sim Não Frequência _____

e) Outro: Sim Não Qual? _____ Frequência _____

26. Importância de comunicar com a família/com o militar, durante o deslocamento:

a) Muito importante

b) Importante

c) Indiferente

d) Pouco importante

e) Nada importante

27. A comunicação com a família/com o militar **durante o deslocamento**:

a) Fortalece a moral: Sim Não

b) Fortalece os laços relacionais: Sim Não

c) Facilita o reencontro: Sim Não

d) Melhora o bem-estar: Sim Não

e) Aumenta a ansiedade: Sim Não

f) Aumenta a tristeza: Sim Não

g) Aumenta o isolamento: Sim Não

h) _____

i) _____

28. **Durante o deslocamento** o seu cônjuge/companheiro(o) optou por:

a) Gozar os dias de licença para ir a casa: Sim Não

Se respondeu *Sim*:

1) Foi uma boa experiência, porque:

2) Foi uma má experiência, porque:

b) Gozar os dias de licença para ir a outro país: Sim Não

Se respondeu *Sim*:

1) Foi uma boa experiência, porque:

2) Foi uma má experiência, porque:

c) Não gozar os dias de licença para ir a casa: Sim Não

Porquê?

Obrigado pela sua colaboração!

APÊNDICE B¹

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

¹ Uma vez que a investigação de Doutoramento, na qual este estudo se insere, ainda se encontra em curso, o guião não é apresentado na totalidade. Apresenta-se aqui, como exemplo, as temáticas consideradas para a análise.

GUIÃO DA ENTREVISTA PARA OS CÔNJUGES DOS MILITARES

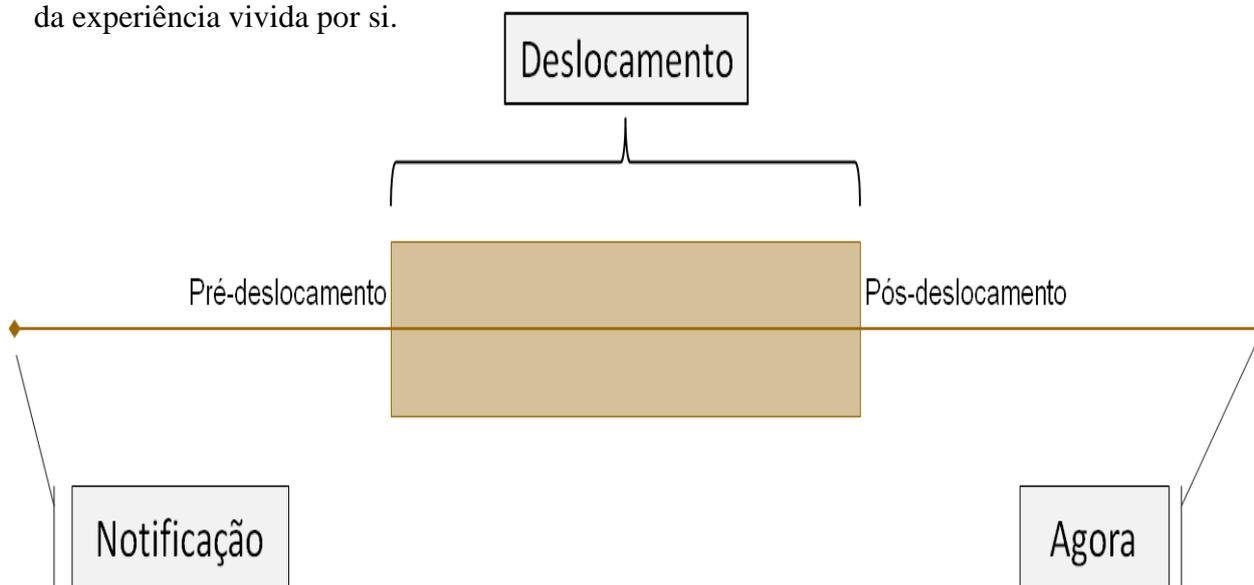
Informação fornecida aos entrevistados

- Pedir permissão para gravação áudio.
- Apresentação do entrevistador
- Fornecer ao entrevistado informação sobre objectivos da entrevista
 - Objectivos
 - Finalidades
 - Duração e conteúdo da entrevista
- Aspetos Deontológicos
 - Agradecer à família a sua colaboração
 - Garantir a confidencialidade e o anonimato
 - Informar a família sobre o direito à não resposta

Cada familiar do militar que parte para uma missão internacional passa por experiências exclusivas e representativas de cada uma das fases inerentes à missão (ver linha temporal).

- A 1ª fase é chamada de *pré-deslocamento*: vai desde a notificação até à partida;
- A 2ª fase é chamada de *deslocamento*, que representa o período de ausência física do(a) militar;
- E por último, o *pós-deslocamento*, que começa com a chegada do militar.

Durante a entrevista poderão ser feitas perguntas que lhe podem parecer semelhantes ou repetidas mas são sobre as diferentes fases anteriormente referidas e que descrevem o percurso da experiência vivida por si.



Tema Geral: *Pré-Deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativas face à missão • Preparação ao nível da mudança de responsabilidades e rotinas familiares (gestão financeira, tarefas domésticas, cuidado das crianças) • Atividades em família e ocupação de tempos livres 	<p><i>Que expectativas tinham relativamente ao que mudaria com a missão?</i></p> <p><i>Qual a influência de experiências anteriores de separação?</i></p> <p><i>Que mudanças foram realizadas no geral (exemplo, ao nível das rotinas), para preparar a ausência do militar?</i></p> <p><i>O que mais vos ajudou a lidar com as mudanças durante este período?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Reações face a comportamentos do(a) filho(a) • Expressão de afeto/hostilidade • Sensibilidade a dúvidas e receios do(a) filho(a) relativamente à missão • Interesse pela vida emocional e social do(a) filho(a) 	<p><i>Houve momentos em que sentiu que a notificação para a missão teve impacto nas suas reações? De que forma?</i></p> <p><i>Sentiu alguma mudança ao nível da expressão de afetos em relação ao(à) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>E em relação a reações de maior agressividade/ hostilidade?</i></p> <p><i>Lembra-se de alguma situação que a tenha marcado mais?</i></p> <p><i>Como conseguiu gerir as dúvidas e receios do(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu na relação ao nível do envolvimento pela vida do(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>O que influenciou mais?</i></p> <p><i>(foco na relação do cônjuge do militar com o(a) filho(a) e militar com o(a) filho(a))</i></p>

Tema Geral: *Deslocamento*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio percebido durante a ausência (pessoas mais próximas; como ajudaram; qual o papel/importância que tiveram) 	<p><i>Houve alguém que a(o) apoiou durante este período?</i></p> <p><i>Como é que essas pessoas foram importantes na gestão/adaptação às novas rotinas e responsabilidades?</i></p> <p><i>O que mais vos ajudou a lidar com o stress associado a esta ausência?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Impacto da ausência na relação de coparentalidade (alterações ao nível da imposição de regras e limites) • Supervisão de comportamentos. • Impacto da ausência na relação mãe-filho e pai-filho (alterações nos padrões de comunicação) • Proximidade/Afastamento mãe-filho • Preparação do regresso do pai/mãe militar (necessidade de mudança sentida) 	<p><i>Que alterações sentiu necessidade de fazer ao nível da imposição de regras e limites para uma melhor adaptação à ausência do pai/mãe militar?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre si e o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre o pai/mãe ausente e o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da comunicação entre vocês dois relativamente aos assuntos do(a) vosso(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>Que mudanças sentiu ao nível da aproximação ou afastamento em relação ao seu filho? E relativamente à relação pai-filho, quais as principais alterações?</i></p> <p><i>Sentiu necessidade de fazer algumas mudanças ao nível da relação com o seu filho, no sentido de preparar o regresso do pai/mãe?</i></p> <p><i>De que forma ocorreram essas mudanças?</i></p> <p><i>Que recursos/estratégias foram mais importantes e mais utilizados durante este período?</i></p>

Tema Geral: Pós-Deslocamento

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais (objetivos-exemplo)	Objetivos Específicos (objetivos-exemplo)
Gerais Preparação da Família	<ul style="list-style-type: none"> • Inclusão do cônjuge/pai/mãe militar nas atividades familiares • Atividades familiares e ocupação de tempos livres 	<p><i>Que mudanças sentiram necessidade de fazer ao nível das funções e responsabilidades familiares?</i></p> <p><i>Como foi esta readaptação?</i></p> <p><i>Houve alguma(s) atividade(s) que tenham sentido necessidade de realizar para facilitar a reintegração?</i></p>
Parentalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Renegociação de papéis parentais (restabelecimento de rotinas e relações) • Renegociação de regras e responsabilidades relacionadas com parentalidade • Mudanças ao nível da relação mãe-filho e mãe-filho-pai 	<p><i>Como geriu a necessidade de restabelecimento de rotinas?</i></p> <p><i>Que sentimentos estiveram mais associados à renegociação de responsabilidades e papéis parentais?</i></p> <p><i>Sentiu mudanças relativamente à imposição de regras e disciplina?</i></p> <p><i>Qual foi o papel do pai/mãe militar nestas mudanças?</i></p> <p><i>Quais as principais mudanças sentidas ao nível da sua relação com o(a) seu(sua) filho(a)?</i></p> <p><i>E relativamente à sua relação com o seu marido/mulher enquanto pais?</i></p>

APÊNDICE C

CONSENTIMENTO INFORMADO

Consentimento Informado

Tenho conhecimento que a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e o Centro de Psicologia Aplicada do Exército estão a realizar um estudo que pretende encontrar e promover os recursos familiares, internos ou externos, que permitam às famílias e militares adaptar-se à alteração do equilíbrio familiar antes, durante e depois de uma missão internacional.

Se concordar participar, vou ser entrevistado(a) individualmente pelo(a) psicólogo(a) _____, onde iremos debater ideias acerca desta temática. A entrevista tem uma duração média entre 1 hora e 30 minutos a 2 horas e será gravada em áudio, mas ninguém saberá aquilo que eu disser na entrevista, à exceção das pessoas da que estão a fazer este estudo.

Eu tenho o direito de responder apenas às perguntas que quiser. Compreendo que posso não ganhar nada diretamente por participar neste estudo, mas a minha participação poderá ser muito útil para outras pessoas, no futuro.

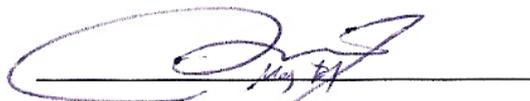
Aceito participar neste estudo e aceito ser entrevistado(a) no dia _____, pelas _____ horas. Se, em algum momento, decidir que não quero participar, posso desistir e não preciso de explicar as minhas razões e isso não terá nenhuma consequência negativa para mim.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Muito obrigado pela colaboração.

Pela equipa de investigação,



Renato Pessoa Santos
Major de Infantaria
Psicólogo Clínico

Para qualquer esclarecimento, contactar santos.recp@mail.exercito.pt

APÊNDICE D

SISTEMA HIERARQUICO DE CATEGORIAS

(ÁRVORE DE CATEGORIAS)

CATEGORIAS	FONTES	REFERÊNCIAS
Evolução dos Processos Funcionais e Relacionais Evolução de determinado processo funcional ou relacional.	9	152
Alteração Alteração de determinado processo funcional ou relacional.	9	94
Aumento Aumento de determinado processo funcional ou relacional.	9	57
Diminuição Diminuição de determinado processo funcional ou relacional.	4	9
Mudança em geral Mudança em geral de determinado processo ou relacional.	8	28
Manutenção Manutenção de determinado processo funcional ou relacional.	9	58
Fases da Missão Períodos de tempo com início e fim mais ou menos marcado, que correspondem à vivência familiar das missões internacionais.	9	261
Deslocamento Período em que o militar está geograficamente separado da sua família. inicia-se no momento da partida do militar para um TO e termina quando este regressa a casa.	9	180
Deslocamento em Geral Respeitante ao deslocamento em geral, uma vez que não são identificadas sub-fases específicas nas palavras das participantes.	9	165
Sub-fases do deslocamento	7	15
Antecipação do regresso Semanas ou dias que antecedem o regresso do militar a casa.	7	13
Período seguinte à partida Primeiras semanas seguintes à partida do militar, habitualmente associadas a ajustamentos na estrutura e funcionamento familiar.	2	2
Pós-Deslocamento Fase que tem início a partir do momento em que o militar regressa a casa e se prepara para reintegrar a vida familiar.	9	43
Pós-Deslocamento em Geral Respeitante ao pós-deslocamento em geral, uma vez que não são identificadas sub-fases específicas nas palavras das participantes.	5	11
Reintegração e Renegociação Período seguinte ao regresso do militar, caracterizado pela renegociação, reorganização e reestruturação das dinâmicas e funcionamento familiar.	9	33
Pré-Deslocamento Período de tempo que vai desde o conhecimento da notificação para a participação em missão até à partida efetiva do militar para a mesma.	8	40

Pré-Deslocamento em Geral Respeitante ao pré-deslocamento em geral, uma vez que não são identificadas sub-fases específicas nas palavras das participantes.	8	36
Antecipação da partida Antecipação da realidade do deslocamento, que surge frequentemente associada à realização de planos e reestruturações que preparar a família para a partida do militar.	4	4
Gestão da Parentalidade Processo através do qual os aspetos funcionais e relacionais da parentalidade são geridos, coordenados e negociados.	9	276
Afastamento Intencional Afastamento intencional de uma figura parental em relação ao(s) filho(s).	4	9
Afastamento mãe-filho(s) Nas palavras das participantes, o afastamento da mãe em relação ao(s) filho(s) tem como objetivo específico “dar espaço ao pai”, facilitando a relação deste com o(s) filho(s) antes da partida para a missão ou na fase de reintegração.	4	7
Afastamento pai militar-filho(s) Afastamento intencional do pai militar em relação ao(s) filho(s), com o objetivo específico de começar a prepará-lo para a ausência física.	1	2
Fatores de Stress	9	25
Adicionais Fatores de stress adicionais, que não estão diretamente relacionais com o contexto de missão internacional.	3	6
Doença da própria ou de outros Condição médica das participantes ou de outros indivíduos da sua rede de relações próximas (e.g., mãe da cónyuge participante).	2	2
Processo de gravidez Inclui o período de gestação, o parto e possíveis complicações médicas associadas (e.g., aborto espontâneo).	3	4
Relacionados com a missão Fatores de stress diretamente relacionais com a participação em missões internacionais.	9	19
Adiamento do regresso do militar Adiamento do regresso do militar.	2	2
Desconhecido Desconhecido, como por exemplo, a missão como experiência nova e desconhecida, ou local onde será realizada a missão como desconhecido.	2	3
Dificuldade na utilização dos meios de comunicação Dificuldade na utilização dos meios de comunicação, tais como indisponibilidade dos meios, custos associados à comunicação e qualidade reduzida da rede.	4	5

Duração da missão Duração da missão, como por exemplo três ou seis meses.	1	4
Nomeação para a missão Nomeação do militar para participação na missão internacional, ao invés da sua voluntariedade.	1	1
Risco associado ao local da missão Local onde é realizada a missão é percebido como perigoso, pondo em risco a segurança do militar (e.g., Afeganistão como TO de elevado risco).	6	7
Gestão de responsabilidades Forma como as responsabilidades das figuras parentais são geridas e negociadas.	7	25
Individuais Gestão de responsabilidades individuais de cada figura parental do casal.	7	18
Partilhadas Gestão de responsabilidades partilhadas do casal parental.	5	7
Gestão de papéis parentais Forma como são geridos os papéis parentais os elementos do casal parental.	3	5
Organização das atividades familiares Forma como são organizadas as atividades familiares.	9	49
Ocupação de tempos livres Organização das atividades de ocupação de tempos livres da família.	9	23
Realização de planos Realização de planos de atividades a serem concretizadas quando o militar regressar.	3	3
Rotinas diárias	9	27
Atividades extracurriculares do(s) filho(s) Atividades extracurriculares, como por exemplo desportos realizados regularmente pelo(s) filho(s).	3	5
Local de residência Rotinas associadas ao local de residência da família, tais como mudança de residência durante o período de ausência física do militar.	2	2
Organização das refeições Forma como são organizadas as refeições, como por exemplo o horário.	2	6
Rotinas do sono Rotinas do sono, tais como o horário para o(s) filho(s) dormirem e o local onde o(s) filho(s) dormem.	4	7
Rotinas em geral Nas palavras das participantes trata-se de rotinas em geral, dado que não são clarificadas as que são mantidas ou alteradas.	4	8
Preparação do(s) filho(s) para a missão	7	10

Forma como o(s) filho(s) são preparados para a missão (e.g., explicar o que o pai militar vai fazer; responder a questões). A preparação exclui a presença das crianças no momento da partida.		
Preparativos para a missão Tarefas e tomadas de decisão realizadas com o objetivo específico de preparar e organizar o período de ausência do militar (e.g., tarefas domésticas; decisões sobre o futuro da família).	4	6
Procura das figuras parentais Forma como as crianças procuram ambas as figuras parentais.	4	7
Reações do(s) filho(s) face à missão Reações e respostas do(s) filho(s) decorrentes da participação de uma figura parental numa missão internacional. Estas reações podem ser desencadeadas a partir de reações dos pais à mesma experiência.	9	32
Ansiedade	4	4
Chamada de atenção	2	2
Choro	6	9
Evitamento	2	4
Isolamento	1	2
Outras reações Outras reações, tais como: aproximação à figura parental; ciúmes entre irmãos; enurese noturna; alterações de comportamento; problemas de saúde (alterações hormonais); sonhos que incluem o pai; assunção do papel de homem da casa; questionamento do porquê de ser o pai militar a ausentar-se.	6	8
Saudade	5	7
Sentimento de abandono	1	2
Tristeza	3	3
Recursos Recursos utilizados pela família para lidar com o <i>stress</i> percebido e as exigências específicas associadas à missão.	9	56
Experiência anterior de missões Experiência repetida de missões como recurso.	4	7
Meios de comunicação	7	16
Inespecífico Nas palavras das participantes não são especificados os meios de comunicação utilizados.	1	2
Internet Utilização da internet como meio para comunicar com o militar. Inclui a troca de e-mails e a realização de videoconferências, sobretudo através do <i>Skype</i> .	7	11
Telefone Utilização do telefone como meio para comunicar com o militar. Inclui a troca de mensagens de texto e, sobretudo, a conversação telefónica.	5	7

Suporte social percebido Suporte social percebido pela figura parental não-militar.	9	33
Fonte de suporte Fonte de suporte percebida pela figura parental não-militar.	9	33
Amigos	5	10
Comunidade Elementos da comunidade, como por exemplo os professores do(s) filho(s) e a avó de uma amiga do filho.	3	5
Família Nas palavras das participantes destaca-se a mãe como principal fonte de suporte.	8	30
Tipo de suporte prestado Tipo de suporte prestado pelas figuras identificadas como fontes de suporte.	9	33
Emocional	4	6
Funcional Suporte funcional, como por exemplo ao nível das tarefas domésticas e do apoio nas atividades das crianças.	9	17
Inespecífico Nas palavras das participantes não é especificado o tipo de apoio recebido por parte das fontes de suporte.	4	10
Relação mãe-filho(s) Aspetos associados à relação da figura parental não-militar com o(s) filhos.	9	45
Atenção a necessidades do(s) filho(s)	4	6
Dependência da relação Nas palavras das participantes, o(s) filho(s) tornaram-se dependentes da figura parental não-militar pela sua disponibilidade e presença.	1	1
Disponibilidade física e emocional Sensibilidade a estados emocionais e disponibilidade física e emocional para o(s) filho(s).	6	7
Exigência Alterações ao nível da exigência colocada ao(s) filho(s).	2	2
Expressão de afeto Forma como o afeto e os sentimentos são expressos entre a figura parental não-militar e o(s) filho(s).	4	4
Gestão de questões e preocupações associadas à missão forma como a figura parental não-militar gere as questões, dúvidas e preocupações do(s) filho(s) relativamente à missão e ao bem-estar da figura parental militar.	5	5
Movimentos de compensação Comportamentos e atitudes parentais que visam compensar a ausência de uma figura parental.	2	4

<p>Proximidade e força da relação Proximidade e força da relação entre a figura parental não-militar e o(s) filho(s).</p>	5	9
<p>Resposta face às reações e comportamentos do(s) filho(s) Respostas e reações da figura parental não-militar a comportamentos do(s) filho(s).</p>	4	5
<p>Supervisão de comportamentos Forma como são supervisionados os comportamentos das crianças, com o objetivo de manter a sua segurança e bem-estar.</p>	1	1
<p>Tolerância Alterações gerais ao nível da tolerância da figura parental não-militar.</p>	3	4
<p>Relação pai-filho(s) Aspetos associados à relação da figura parental militar com o(s) filho(s).</p>	9	31
<p>Dificuldade no estabelecimento de relação Dificuldade associada à reintegração do militar no contexto familiar.</p>	1	1
<p>Envolvimento do pai Alteração ou manutenção do envolvimento do pai militar em atividades ou tarefas que contribuem para a promoção da relação pais-filho(s).</p>	7	25
<p>Quotidiano dos filhos Envolvimento do pai no quotidiano do(s) filho(s), que se concretiza, por exemplo, no apoio nas tarefas escolares e no interesse pelo dia-a-dia dele(s).</p>	7	15
<p>Vida familiar Envolvimento do pai na vida familiar, como por exemplo: envolvimento nas rotinas diárias, celebração de aniversários e datas festivas e conhecimento das atividades realizadas pela família durante a ausência.</p>	6	12
<p>Perda de eventos importantes Perda de eventos importantes como o crescimento e desenvolvimento verbal do(s) filho(s) e datas comemorativas.</p>	3	5
<p>Tomada de decisão Processos de tomada de decisão sobre assuntos em geral. Pode incluir decisões do casal parental ou decisões do(s) filho(s).</p>	5	9
<p>Omnipresença da figura parental militar Presença psicológica e emocional da figura parental militar, embora exista a ausência física. Presenta associada, sobretudo, à existência de meios de comunicação que permitem a manutenção do envolvimento militar.</p>	5	10